



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA
CURSOS DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**



CARLOS ANDRÉ DELMIRO

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS ANTIRRACISTAS: RELATO DE EXPERIÊNCIA NA
ESEBA – UFU EM 2024**

Uberlândia-MG
2025

CARLOS ANDRÉ DELMIRO

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS ANTIRRACISTAS: RELATO DE EXPERIÊNCIA NA
ESEBA – UFU EM 2024**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de Graduação em História – Licenciatura. Orientadora: Professora Doutora Iara Toscano Correia.

Uberlândia-MG
2025

CARLOS ANDRÉ DELMIRO

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS ANTIRRACISTAS: RELATO DE EXPERIÊNCIA NA
ESEBA – UFU EM 2024**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de Graduação em História – Licenciatura. Orientadora: Professora Doutora Iara Toscano Correia.

Uberlândia, 08 de Maio de 2025.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Iara Toscano Correia – Orientadora
(Universidade Federal de Uberlândia)

Profa. Dra. Ivete Batista Silva Almeida – Examinadora
(Universidade Federal de Uberlândia)

Profa. Dra. Lidiane Aparecida Alves – Examinadora
(Universidade Federal de Uberlândia)

Dedico este trabalho a todos os meus
familiares e amigos negros, cujas
histórias, lutas e conquistas moldaram
não apenas minha trajetória acadêmica,
mas também minha identidade, minha
força e meu compromisso com a
transformação social.

AGRADECIMENTOS

Expresso minha mais sincera gratidão à professora Iara Toscano Correia, cuja orientação cuidadosa, dedicação e compromisso foram essenciais para a elaboração deste trabalho. Sua escuta atenta, seus apontamentos precisos e seu constante incentivo foram fundamentais em cada etapa deste percurso acadêmico. A ela, todo meu profundo respeito e admiração.

Estendo meus agradecimentos aos profissionais da Universidade Federal de Uberlândia, que, direta ou indiretamente, contribuíram para a minha formação, reafirmando o valor da educação pública de excelência.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), agradeço pela concessão da bolsa durante minha participação no Programa de Residência Pedagógica, experiência que ampliou de forma significativa minha vivência profissional e acadêmica.

À professora Lidiane Aparecida Alves e aos seus alunos, registro minha sincera gratidão pela acolhida e pela experiência enriquecedora no ambiente escolar, cujos aprendizados levarei comigo ao longo da vida.

À minha família, a quem dedico este trabalho, agradeço profundamente pelo exemplo de união, coragem e simplicidade, valores que me moldaram e continuam a me guiar.

E, especialmente, à minha esposa, Jaciele Delmiro, minha companheira de vida, agradeço por sua sensibilidade, apoio incondicional e amor constante, que foram fontes indispensáveis de força e inspiração durante toda esta jornada.

“A educação antirracista não é um favor: é
uma reparação histórica.”

— *Emicida*, rapper, escritor e criador do
projeto *AmarElo* – *É tudo pra ontem*
(2020).

RESUMO

Este trabalho busca analisar o racismo estrutural na sociedade brasileira e a importância da educação antirracista no Ensino Fundamental. O racismo é tratado como um fenômeno sistêmico e enraizado nas estruturas sociais, políticas e educacionais do Brasil, perpetuado por meio de mecanismos institucionais que reproduzem desigualdades históricas. A pesquisa parte da revisão bibliográfica sobre o tema, com ênfase na produção científica sobre o racismo estrutural e as práticas pedagógicas antirracistas, e da análise das experiências vivenciadas durante a residência pedagógica na Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia (ESEBA/UFU), entre novembro de 2023 e abril de 2024. O objetivo foi o de analisar o racismo estrutural a partir de uma perspectiva histórico-social, destacando sua influência nas instituições e estruturas sociais, com o propósito de fomentar a formação crítica dos estudantes e capacitá-los para a identificação e o enfrentamento de práticas racistas. A investigação destaca que, apesar de existirem iniciativas pontuais de educação antirracista, a ausência de formação adequada para os professores e a resistência de alguns setores da sociedade dificulta a efetivação dessas práticas. Durante a residência, foi possível observar o impacto positivo de metodologias ativas, como debates, produção de textos e o uso de materiais audiovisuais, que estimularam o pensamento crítico e a participação dos alunos nas discussões sobre racismo e desigualdades raciais. Os resultados apontam para a necessidade de incorporar a educação antirracista de forma contínua e transversal no currículo escolar, enfatizando a importância de uma formação docente que prepare os educadores para lidar com essas questões de maneira eficaz. O trabalho conclui que a implementação de práticas pedagógicas antirracistas é fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, e que a escola tem um papel crucial na desconstrução de preconceitos e na promoção da justiça social.

Palavras-chave: racismo estrutural; educação antirracista; ensino fundamental; residência pedagógica; desigualdade racial.

ABSTRACT

This work aims to analyze structural racism in Brazilian society and the importance of anti-racist education in Elementary Education. Racism is treated as a systemic phenomenon, deeply rooted in the social, political, and educational structures of Brazil, perpetuated through institutional mechanisms that reproduce historical inequalities. The research is based on a literature review on the topic, with an emphasis on scholarly work about structural racism and anti-racist pedagogical practices, as well as an analysis of the experiences during the pedagogical residency at the School of Basic Education of the Federal University of Uberlândia (ESEBA/UFU), between November 2023 and April 2024. The objective was to analyze structural racism from a historical-social perspective, highlighting its influence on institutions and social structures, with the aim of promoting students' critical thinking and empowering them to identify and confront racist practices. The investigation highlights that, although there are some isolated anti-racist educational initiatives, the lack of proper training for teachers and resistance from some sectors of society hinder the effective implementation of such practices. During the residency, it was possible to observe the positive impact of active methodologies, such as debates, writing production, and the use of audiovisual materials, which stimulated critical thinking and student participation in discussions about racism and racial inequalities. The results point to the need for anti-racist education to be incorporated continuously and transversally into the school curriculum, emphasizing the importance of teacher training that prepares educators to effectively address these issues. The study concludes that the implementation of anti-racist pedagogical practices is essential for building a fairer and more egalitarian society, and that schools play a crucial role in dismantling prejudice and promoting social justice.

Keywords: structural racism; anti-racist education; elementary education; pedagogical residency; racial inequality.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 CAPÍTULO I: CONCEITUANDO O RACISMO ESTRUTURAL	13
2 CAPÍTULO II: LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO SOBRE A EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA	18
3 CAPÍTULO III: EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NO ENSINO FUNDAMENTAL: REFLEXÕES E PERSPECTIVAS	24
4 CAPÍTULO IV: EXPERIÊNCIAS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA RESIDÊNCIA EM HISTÓRIA/GEOGRAFIA (ESEBA/UFU).....	30
CONSIDERAÇÕES	56
REFERÊNCIAS	59
APÊNDICE A – RESPOSTAS DOS ESTUDANTES	61
APÊNDICE B – PLANO DE AULA DAS REGÊNCIAS	68
APÊNDICE C – SLIDES UTILIZADO NA REGÊNCIA	70

INTRODUÇÃO

A questão racial é um tema recorrente nos debates sociais contemporâneos, contudo, no contexto brasileiro atual, não se observa, por parte dos poderes governamentais, ações concretas e eficazes que promovam o desmonte das estruturas que perpetuam o racismo, seja ele manifesto de forma explícita ou por meio de mecanismos sutis e velados. Trata-se de um fenômeno estrutural, enraizado historicamente, que remonta ao período colonial e se perpetua através das instituições e relações sociais até os dias atuais.

Os meios de comunicação e as redes sociais frequentemente expõem episódios de discriminação racial, muitas vezes protagonizados por indivíduos de pele clara que, intencionalmente ou não, reproduzem comportamentos racistas. A reação a políticas afirmativas, como a lei de cotas, ilustra a resistência de determinados setores da sociedade em reconhecer e corrigir desigualdades históricas. Além disso, a complexidade do racismo estrutural se reflete em situações nas quais indivíduos negros, socializados dentro de um sistema que os marginaliza, acabam por reproduzir discursos e práticas discriminatórias contra seus próprios pares.

A materialidade do racismo estrutural pode ser observada na distribuição desigual de oportunidades e no acesso a espaços de poder e prestígio. A análise da composição étnico-racial em diversas instituições permite evidenciar esse fenômeno: quantos médicos negros ocupam os hospitais? Quantos professores negros foram presença significativa na trajetória escolar da maioria dos estudantes? Qual a representatividade da população negra nos altos cargos de direção, coordenação ou gerência em grandes empresas? Mesmo em ambientes esportivos, onde a presença de jogadores negros é marcante, quantos destes ascendem a posições de liderança, como presidentes ou diretores de grandes clubes?

No campo cultural, a sub-representação de protagonistas negros em novelas, filmes e séries reforça uma hierarquização simbólica que invisibiliza e subalterniza determinados grupos sociais. O mesmo se aplica ao espaço urbano e às dinâmicas de segregação socioeconômica: quantos indivíduos negros residem em bairros de elite ou frequentam clubes exclusivos? Essas desigualdades não são meramente casuais, mas sim resultantes de um processo histórico contínuo que, mesmo após a

abolição da escravidão, perpetuou mecanismos de exclusão e restrição de mobilidade social para a população negra.

Compreender o racismo estrutural em sua historicidade é fundamental para pensar caminhos de superação. Sem uma análise crítica sobre as raízes desse fenômeno e sua permanência nas estruturas institucionais, as desigualdades raciais tendem a ser naturalizadas, reforçando um status quo que se sustenta na negação do passado e na manutenção de privilégios.

A construção deste trabalho justifica-se pela necessidade de uma maior exploração e disseminação do tema, considerando sua relevância para toda a sociedade brasileira. A história do povo negro, frequentemente marcada por distorções e narrativas enviesadas, exige um olhar crítico e aprofundado, especialmente no que se refere ao racismo.

Quanto aos objetivos propostos tem-se como Objetivo Geral - Analisar o racismo estrutural a partir de uma perspectiva histórico-social, destacando sua influência nas instituições e estruturas sociais, com o propósito de fomentar a formação crítica dos estudantes e capacitá-los para a identificação e o enfrentamento de práticas racistas. E quanto aos Objetivos Específicos encontram-se: Realizar um levantamento bibliográfico especializado sobre racismo estrutural e educação antirracista e Examinar os materiais didáticos e metodológicos utilizados nas regências conduzidas na ESEBA/UFU¹ no contexto da Residência em História/Geografia, avaliando suas contribuições para a educação antirracista.

Este estudo adota uma abordagem bibliográfica, cujo objetivo é reunir e analisar criticamente a produção científica sobre as diversas manifestações do racismo estrutural na sociedade brasileira. A pesquisa busca sintetizar os principais debates e evidências sobre o tema, demonstrando como essas dinâmicas operam na prática e impactam diferentes setores sociais.

Além da revisão teórica, a investigação compreende a descrição e análise das atividades pedagógicas desenvolvidas com turmas do 9º ano da ESEBA - UFU, no período de novembro de 2023 a abril de 2024, no contexto da Residência Pedagógica vinculada ao núcleo História/Geografia. As atividades ocorreram em salas de aula dos 9º anos, sendo que, em duas turmas, foram realizadas duas aulas

¹ Em 24 de outubro de 2019, o Conselho da Escola de Educação Básica aprovou a alteração da denominação para Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Uberlândia (CAp UFU) o qual será encaminhado para aprovação nas instâncias superiores da UFU.

consecutivas de forma presencial, enquanto nas demais turmas houve apenas uma aula, cuja proposta foi executada de maneira remota, em razão de limitações de tempo e calendário escolar. Tendo em vista as condições diferenciadas de aplicação, optou-se por utilizar, como material para análise, apenas os textos produzidos remotamente pelos(as) estudantes, uma vez que estes foram devidamente sistematizados e entregues em formato digital, viabilizando a organização dos dados.

Ao todo, foram selecionados 27 textos para compor o corpus da pesquisa, os quais foram examinados qualitativamente e categorizados em três eixos analíticos: (A) Textos com Indícios de Reprodução Não Autoral, (B) Textos Originais com Potência Crítica e Engajamento, e (C) Textos Originais com Limitações Estruturais. Essa categorização teve como objetivo identificar padrões discursivos, níveis de elaboração crítica e marcas de autoria presentes nas produções dos(as) estudantes, contribuindo para a compreensão dos efeitos das práticas pedagógicas no desenvolvimento do pensamento histórico-crítico.

Este trabalho foi estruturado com base nessa premissa e está dividido em quatro capítulos. O primeiro capítulo discute-se o conceito de racismo estrutural, oferecendo um panorama teórico sobre sua origem e manifestações na sociedade. O segundo capítulo consiste em um levantamento bibliográfico sobre a educação antirracista, analisando as principais contribuições acadêmicas sobre o tema. No terceiro capítulo, são abordadas as reflexões e perspectivas da educação antirracista no ensino fundamental, destacando desafios e possibilidades. O quarto capítulo traz a descrição das experiências e práticas pedagógicas vivenciadas na Residência pedagógica no núcleo História/Geografia (ESEBA/UFU)², ilustrando a aplicação dos conceitos discutidos anteriormente.

² É um dos núcleos do Programa de Residência Pedagógica desenvolvido pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), em parceria com a Escola de Educação Básica da UFU (ESEBA). O núcleo reúne licenciandos dos cursos de História e Geografia que atuam como residentes no campo escolar, sob supervisão de professores da ESEBA e orientação de docentes da universidade.

1 CAPÍTULO I: CONCEITUANDO O RACISMO ESTRUTURAL

A história do racismo no Brasil está profundamente entrelaçada ao período colonial e à escravidão transatlântica, quando milhões de africanos foram forçosamente trazidos para o país e submetidos a condições de trabalho desumanas. Durante mais de três séculos, a escravidão foi à base da economia brasileira, formando uma estrutura social hierarquizada onde as pessoas negras eram vistas como inferiores e privadas de seus direitos mais básicos. A escravidão não foi apenas uma prática econômica, mas uma instituição que consolidou a segregação racial como parte integrante da organização social brasileira.

Segundo Almeida (2019), o conceito de racismo estrutural, deve ser compreendido dentro de um arcabouço histórico que remonta ao período colonial e à consolidação das sociedades modernas. Diferente do racismo interpessoal, que se manifesta nas relações individuais, o racismo estrutural está intrinsecamente ligado às instituições, às políticas públicas e à própria organização econômica e social das nações. No caso brasileiro, sua persistência reflete um legado histórico de exclusão e marginalização da população negra, desde a escravização até as formas contemporâneas de desigualdade.

De acordo com Abdias Nascimento (1978), com a abolição da escravatura em 1888, o Brasil falhou em implementar políticas públicas que possibilitassem a inclusão da população negra na sociedade de forma equitativa. Em vez disso, o governo incentivou a imigração europeia e manteve estruturas sociais excludentes, deixando os ex-escravizados e seus descendentes à margem do desenvolvimento econômico e social. A ausência de políticas de integração significou a continuidade de uma marginalização sistemática da população negra, que, apesar de legalmente libertada, permaneceu social e economicamente subalterna.

Atirando os africanos e seus descendentes para fora da sociedade, a abolição exonerou de responsabilidades os senhores, o estado, e a Igreja. Tudo cessou, extinguiu-se todo o humanismo, qualquer gesto de solidariedade ou de justiça social: o africano e seus descendentes que sobrevivessem como pudessem. "Africanos livres" se tornavam também aqueles escravos utilizados como soldados para fazer as guerras de destruição dos dirigentes brancos. Obtinham soldados prometendo a liberdade para os escravos que se alistassem no serviço militar. Para se tornarem mesmo precariamente livres, muitos se inscreveram: buscaram a liberdade de morrer nas guerras dos colonizadores escravocratas. (NASCIMENTO, 1978, p. 65).

É notório que a abolição da escravidão ocorreu sem medidas de reparação, deixando os africanos e seus descendentes à própria sorte. Além disso, revela a contradição de prometer liberdade a escravizados em troca do serviço militar, tornando-os soldados em guerras que apenas reforçavam o domínio dos colonizadores. Dessa forma, a abolição não significou inclusão, mas sim a perpetuação da exclusão e da exploração sob novas formas.

No século XX, a ideia de "democracia racial", promovida por intelectuais como Gilberto Freyre, funcionou como uma máscara que obscurecia as desigualdades raciais persistentes, dificultando a implementação de políticas públicas eficazes para reparar as desigualdades históricas. Essa visão de uma sociedade "harmoniosa" entre brancos e negros impediu a ação decisiva para a inclusão real dos negros, minimizando as demandas por justiça social e ignorando a realidade das disparidades raciais.

Sobre essa pauta, Florestan Fernandes (1972), cita o seguinte:

A ideia de que existiria uma democracia racial no Brasil vem sendo fomentada há muito tempo. No fundo, ela constitui uma distorção criada no mundo colonial, como contraparte da inclusão de mestiços no núcleo legal das "grandes famílias" – ou seja, como reação a mecanismos efetivos de ascensão social do "mulato". O fundamento pecuniário da escravidão e certos efeitos severamente proscritos, mas incontornáveis da miscigenação contribuíram para que se operasse uma espécie de mobilidade social vertical por infiltração, graças à qual a composição dos estratos raciais dominantes teve de adquirir certa elasticidade. (FERNANDES, 1972, p. 26).

Em outras palavras, essa ideia foi construída como uma forma de mascarar as desigualdades raciais, enquanto permitia uma ascensão social restrita a determinados grupos mestiços. A mobilidade social por "infiltração" mencionada por Fernandes não representava uma verdadeira inclusão, mas sim uma flexibilização calculada das posições raciais, mantendo intacta uma estrutura de dominação.

Dessa forma, o mito da democracia racial serviu como instrumento para ocultar as desigualdades persistentes e justificar a manutenção do privilégio branco na sociedade brasileira. Ao propagar a ideia de uma convivência harmoniosa entre os diferentes grupos étnico-raciais, o mito contribuiu para deslegitimar as denúncias de racismo e desmobilizar movimentos sociais que lutavam por igualdade. Assim, o mito não apenas silenciou vozes dissidentes, como também operou como um mecanismo ideológico de controle social, perpetuando a invisibilidade das experiências e lutas da população negra no Brasil.

O discurso da mestiçagem, naqueles primeiros anos da década de 1950, era tão importante na ONU que, durante a Conferência Geral de 1950, o Brasil foi eleito local privilegiado para sediar uma série de estudos sobre as condições favoráveis ou desfavoráveis às boas relações raciais no país. Afinal, naquele momento circulava uma série de informações que projetava o Brasil como o país mais representativo do ideal bem-sucedido de mestiçagem, sendo Freyre um dos principais porta-vozes dessa imagem. Por meio de pesquisas empíricas, a ideia era conferir se, de fato, tal discurso se sustentava. (BARBOSA, 2018, p. 08).

Abdias do Nascimento (1978), ao analisar o fenômeno no Brasil, cunhou o termo "democracia racial falaciosa" para descrever o discurso que nega a existência do racismo enquanto a desigualdade racial continua operando de maneira sistemática. Esse conceito ressoa em análises contemporâneas que demonstram como as políticas públicas historicamente privilegiaram determinados grupos sociais em detrimento da população negra, refletindo-se na educação, no mercado de trabalho e no acesso à cidadania plena.

As feridas da discriminação racial se exibem ao mais superficial olhar sobre a realidade social do país. A ideologia oficial ostensivamente apoia a discriminação econômica - para citar um exemplo - por motivo de raça. Até 1950, a discriminação em empregos era uma prática corrente, sancionada pela lei consuetudinária. Em geral os anúncios procurando empregados se publicavam com a explícita advertência: "não se aceitam pessoas de cor." Mesmo após a lei Afonso Arinos, de 1951, proibindo categoricamente a discriminação racial, tudo continuou na mesma. Trata-se de uma lei que não é cumprida nem executada. Ela tem um valor puramente simbólico. Depois da lei, os anúncios se tornaram mais sofisticados que antes: requerem agora "pessoas de boa aparência". Basta substituir "boa aparência" por "branco" para se obter a verdadeira significação do eufemismo. Com lei ou sem lei, a discriminação contra o negro permanece difusa, mas, ativa. (NASCIMENTO, 1978, p. 82).

Essa realidade ainda se reflete nos dias atuais, em práticas que, embora menos explícitas, limitam oportunidades para a população negra. Expressões como "boa aparência" evoluíram para critérios subjetivos como "perfil adequado" que frequentemente são incluídos como filtros velados para a exclusão racial. Além disso, os dados sobre desigualdade de renda, acesso à educação e representatividade em cargos de liderança mostram que as feridas da discriminação ainda estão abertas, exigindo não apenas leis, mas ações efetivas para a promoção da equidade racial.

Florestan Fernandes (1972) argumentou que o racismo no Brasil não pode ser dissociado do processo histórico de formação da sociedade brasileira. Ele observou que a transição da escravidão para o trabalho livre, sem políticas públicas

adequadas de integração social e econômica, resultou na exclusão sistemática da população negra das esferas sociais e econômicas. Esse legado histórico de exclusão se reflete em diversas áreas, como educação, mercado de trabalho e representação política, consolidando uma desigualdade racial estrutural que persiste até os dias de hoje.

Lélia Gonzalez (1984) trouxe uma importante contribuição ao debate sobre o racismo no Brasil, ao introduzir uma perspectiva interseccional que relaciona o racismo com o sexismo. Ela destacou que as mulheres negras enfrentam uma forma dupla de discriminação: pela sua raça e pelo seu gênero. Gonzalez também propôs o conceito de "amefricanidade", que busca ressaltar a contribuição da cultura africana para a formação da identidade brasileira, ao mesmo tempo em que aponta a necessidade de um reconhecimento pleno dessa herança como forma de combater o racismo estrutural.

Os termos "Afro – American" (afroamericano) e "African – American" (africanoamericano) remetem – nos a uma primeira reflexão: a de que só existiram negros nos Estados Unidos e não em todo o continente. E a uma outra, que aponta para a reprodução inconsciente da posição imperialista dos Estados Unidos, que afirmam ser "A AMÉRICA". [...] Quanto a nós, negros, como podemos atingir uma consciência efetiva de nós mesmos, enquanto descendentes de africanos, se permanecemos prisioneiros, "cativos de uma linguagem racista"? Por isso mesmo, em contraposição aos termos supracitados, eu proponho o de *amefricanos* ("Amefricans") para designar a todos nós. (GONZALEZ, 1988, p. 76).

Diante desse trecho de sua obra, pode-se dizer que sua proposta do termo "amefricanos" surge como uma alternativa potente, capaz de abarcar a experiência histórica e cultural dos povos afrodescendentes em toda a América, reconhecendo a riqueza de suas contribuições e rompendo com a imposição de categorias coloniais. Essa reflexão reafirma a importância do discurso como ferramenta de resistência e ressignificação da identidade negra.

Diante de todo o exposto infere-se que, a partir de uma abordagem historiográfica, é possível perceber que o racismo estrutural não se limita a um problema contemporâneo, mas resulta de um processo de longa duração. Sua permanência está diretamente ligada à forma como as instituições foram moldadas ao longo da história, reforçando hierarquias raciais que ainda hoje se manifestam em diferentes esferas da sociedade. Portanto, compreender o racismo estrutural exige

uma análise crítica das relações de poder que sustentaram e continuam sustentando a desigualdade racial no Brasil.

Silvio Almeida (2019) argumenta que o racismo estrutural transcende ações isoladas de indivíduos, estando presente nos sistemas legislativo, judiciário e econômico. Essa abordagem historiográfica permite compreender como as políticas estatais, desde a abolição formal da escravidão em 1888 até a ausência de medidas efetivas de inclusão no pós-abolição, perpetuaram a marginalização da população negra. Nesse sentido, a falta de políticas de reparação e a exclusão da população negra dos processos de ascensão social configuram um sistema de desigualdade enraizado nas estruturas do país.

Em resumo: o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção. O racismo é parte de um processo social que ocorre “pelas costas dos indivíduos e lhes parece legado pela tradição”. Nesse caso, além de medidas que coíbam o racismo individual e institucionalmente, torna-se imperativo refletir sobre mudanças profundas nas relações sociais, políticas e econômicas. (ALMEIDA, 2019, p. 33).

As desigualdades raciais começaram a ser reconhecidas de forma mais aprofundada a partir da ascensão dos movimentos negros e do avanço das discussões acadêmicas, encabeçadas e/ou divulgadas, como por exemplo, pelos autores até aqui citados. Esses autores demonstram que o racismo não é apenas uma questão de preconceito individual, mas um mecanismo de manutenção de privilégios e exclusão social, impactando diretamente o acesso à educação, à saúde e ao mercado de trabalho. O conceito de racismo estrutural tem desempenhado um papel fundamental na compreensão de como essas desigualdades se perpetuam na sociedade brasileira.

Dessa maneira, o racismo estrutural no Brasil é um problema histórico e persistente, cujos efeitos são visíveis na desigualdade no acesso a direitos fundamentais, como uma educação de qualidade. O desafio de superar essas desigualdades exige não apenas o reconhecimento das suas raízes históricas, mas a implementação de políticas públicas que promovam a verdadeira inclusão e a reparação das injustiças cometidas ao longo dos séculos.

2 CAPÍTULO II: LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO SOBRE A EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

A educação antirracista tem sido um tema central no Brasil, especialmente após a promulgação da Lei 10.639/2003³ que tornou obrigatória a inclusão da história e cultura afro-brasileira e africana nos currículos escolares. Este marco legal representa um avanço significativo na luta contra o racismo, ao reconhecer o papel fundamental dos povos africanos na fundação da sociedade brasileira. A implementação dessa lei visa não apenas corrigir omissões históricas, mas também promover uma educação que valorize a diversidade e combata as desigualdades raciais. Essa Lei traz diversos pontos, como por exemplo:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e políticas pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e Histórias Brasileiras. (BRASIL, 2003, p. 01).

O ensino sobre a História e Cultura Afro-Brasileira nas escolas de ensino fundamental e médio é um passo essencial para promover uma educação mais inclusiva e justa. A obrigatoriedade desse conteúdo visa corrigir uma histórica omissão nos currículos, reconhecendo o papel fundante dos afrodescendentes na formação do Brasil, não apenas nas questões sociais, mas também nas esferas econômicas, políticas e culturais. O estudo sobre a História da África, a luta dos negros no Brasil e a rica cultura afro-brasileira proporciona aos estudantes uma compreensão mais completa da formação nacional, destacando a resistência e a importância das populações negras ao longo dos séculos.

No contexto da implementação dessa Lei, vários pesquisadores contribuíram para que o que nela se preconiza na teoria, seja implantado na prática.

³ Essa Lei foi atualizada pela Lei Federal nº 11.645, de 10 de março de 2008, estabelece além da obrigatoriedade do estudo da História e Cultura Afro-Brasileira, a educação sobre os povos Indígenas em todos os níveis de ensino fundamental e médio, públicos e privados.

Em Silva (2018) é destacada a importância da formação continuada de professores como um passo crucial para efetivar a educação antirracista nas escolas. Essa autora argumenta que a falta de preparo dos docentes é um obstáculo significativo para a construção de um ambiente educacional que realmente enfrente as desigualdades raciais e promova a inclusão, sendo necessário que os professores compreendam o racismo estrutural e suas manifestações nas práticas pedagógicas cotidianas, para que possam atuar de forma mais eficaz na transformação das mentalidades e práticas discriminatórias.

Outro ponto relevante de discussão é o estudo de Leonardo Alves Dias (2022), que analisa a divisão racial do trabalho como um dos pilares do racismo estrutural e seu reflexo na educação. O autor sugere que a divisão racial do trabalho atua como um ordenamento do racismo estrutural, propondo que a sociedade, as empresas e outras instituições desempenhem um papel fundamental na desconstrução das hierarquias raciais. Isso não se limita apenas ao reconhecimento das culturas afro-brasileira e africana, mas também à criação de ambientes que valorizem a diversidade e preparem os indivíduos para a cidadania plena.

Segundo Dias (2022),

A divisão racial do trabalho não é um arranjo institucional provocado pelo racismo estrutural, mas uma forma de ser do racismo no mercado de trabalho, fornecendo uma filtragem racial na compra e venda da força de trabalho, e está diretamente ligada ao modo de produção capitalista. A divisão racial do trabalho penetrou profundamente na sociedade capitalista, alargando o pauperismo, com a racialização do desemprego e com os baixos salários, que refletem na educação, na saúde, nas políticas sociais, na economia, ou seja, em todas as esferas que compõem a vida material da população negra. (DIAS, 2022, p. 219).

Evidencia-se que os estudos até aqui citados, destacam a importância de ações concretas e contínuas no combate ao racismo estrutural, ressaltando a necessidade de uma implementação efetiva e transformadora da educação antirracista. Nesse contexto, a educação deve ser vista como um dos instrumentos de resistência e reparação histórica, essencial para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Outros estudos significativos contribuem para a compreensão das complexas relações entre racismo, violência e saúde da população negra, como evidenciada por Barbosa, Silva e Souza (2021), que discutem o impacto do racismo nas condições de saúde e como a educação pode ser uma ferramenta na prevenção das

violências raciais. Os autores ressaltam que o racismo estrutural atua como determinante social da saúde, afetando diretamente o acesso a serviços, a qualidade do atendimento e os desfechos clínicos.

Compreende-se, no entanto, que o racismo estrutural exige que o conjunto da sociedade, através de políticas de Estado, fomenta ações que extrapolem a dimensão individual e, também, institucional dessa questão. Sendo assim, para além da qualificação de profissionais de saúde, é necessário o investimento nas políticas educacionais, sociais, habitacionais, de segurança e de trabalho, visando dirimir as desigualdades e vulnerabilidades que localizam a população negra brasileira, em sua maioria, em posições socialmente marginalizadas. (BARBOSA, SILVA E SOUZA, 2021, p. 362).

Em outras palavras, os autores destaca a necessidade de um enfrentamento amplo e coletivo do racismo estrutural, enfatizando que o combate a essa problemática não deve se restringir a ações individuais ou setoriais, mas sim envolver políticas públicas abrangentes em diversas áreas. A proposta vai além da qualificação profissional e aponta para a urgência de medidas estruturais que possam reverter a marginalização histórica dessa população, promovendo, assim, uma sociedade mais justa e igualitária.

O artigo "Educação Antirracista e a Prática Docente: um olhar a partir da escrevivência e para as práticas das professoras da Escola M.E.F. Maria das Neves Lins (Bayeux-PB)", de Rosemary Cruz (2022), propõe uma reflexão sobre as práticas pedagógicas de professores no contexto da educação antirracista. A autora investiga como as experiências vividas pelas professoras dessa escola, especificamente, influenciam a implementação de práticas antirracistas e, conseqüentemente, contribuem para a construção de um ambiente mais inclusivo e igualitário.

Utilizando a abordagem da escrevivência, Cruz (2002), propõe uma análise crítica das estratégias educacionais voltadas para o combate ao racismo, ao mesmo tempo em que busca compreender as dinâmicas de ensino e as perspectivas das docentes no enfrentamento das desigualdades raciais na escola. O estudo se insere no campo da pedagogia e traz contribuições importantes para a promoção de uma educação mais consciente e transformadora.

A 'escrevivência' é um gênero literário ou mesmo uma prática cultural da escrita de si. Foi elaborado pela escritora Conceição Evaristo, em sua dissertação de mestrado há quase 30 anos. Segundo esta escritora

reconhecida também por suas poesias antirracistas, a escrevivência surge de uma prática literária cuja autoria é negra, feminina e pobre. Em que a agente, o sujeito da ação, assume o seu fazer, o seu pensamento, a sua reflexão, não somente como exercício isolado, mas atravessado por grupos, por uma coletividade. (CRUZ, 2022, p. 14).

Esse conceito, que articula identidade, autorreflexão e resistência, reflete uma escrita que ressignifica a experiência de ser negro, feminino e pobre, desafiando as narrativas dominantes e criando espaços de visibilidade e voz para esses sujeitos historicamente silenciados. Ao vincular a escrevivência à luta antirracista, a autora enfatiza a importância da literatura como um meio de afirmação e resistência das subjetividades negras.

Petrônio Domingues (2009) analisa a relação entre educação e a luta antirracista no contexto brasileiro. O autor discute como a escola, historicamente marcado por desigualdades raciais, pode se tornar um espaço de resistência e promoção da equidade. A partir de uma abordagem crítica, o estudo examina iniciativas educacionais voltadas para a valorização da cultura negra e a superação do racismo estrutural, ressaltando desafios e avanços no campo das políticas públicas e da prática pedagógica.

Dentre as diversas conceituações e elaborações acerca da educação, destaca-se a seguinte citação:

Em outros termos, a educação sempre foi considerada o caminho mais eficaz, quando não a panaceia para a resolução de todos os males da população de ascendência africana. Parece, inclusive, que o movimento negro brasileiro tinha, de longa data, a percepção de que a educação está no centro das desigualdades raciais, assim como das desigualdades de renda, que diversas pesquisas contemporâneas vêm mostrando. A escolaridade é responsável pela maior parte das diferenças na mobilidade social entre brancos e negros no Brasil. (DOMINGUES, 2009, p. 990).

Portanto, pode-se entender que, enfrentar o racismo estrutural na educação, é imprescindível adotar abordagens pedagógicas críticas que fomentem a conscientização e a transformação social. E se faz necessário defender uma educação libertadora que permita aos alunos refletirem criticamente sobre as estruturas de opressão, incluindo o racismo. A educação deve ser uma prática de liberdade, que capacite os indivíduos a questionar as condições, que perpetuam as desigualdades raciais na, sociedade em que eles estão inseridos.

Fátima Santana Santos (2022) defende a implementação de uma educação antirracista que promova o desenvolvimento de uma consciência histórica acerca do papel fundante dos afrodescendentes na sociedade. Sua abordagem enfatiza a necessidade de reconhecer e valorizar o legado cultural e social da população negra no Brasil, destacando a relevância de uma formação educacional que combata estereótipos e fortaleça a identidade afro-brasileira.

Outro passo metodológico relevante foi compreendermos a importância da Lei 10.639 (BRASIL, 2003), que torna obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio. Apesar disso, percebermos que, mesmo antes da lei, perpassava pelos nossos corpos um pleno reconhecimento da importância de se trabalhar com uma educação antirracista, na qual o autorreconhecimento identitário positivo estivesse presente, bem como a crítica a educação hegemônica, centrada em valores da sociedade patriarcal branca, em detrimento de uma educação afrocentrada para crianças negras. (SANTOS, 2022, p. 86).

O trecho enfatiza a relevância do autorreconhecimento identitário positivo para crianças negras e a crítica a uma educação hegemonicamente eurocêntrica, que historicamente marginalizou outras perspectivas. Nesse sentido, a reflexão aponta para a necessidade de uma educação afrocentrada, que valorize e resgate a cultura negra como parte fundamental da construção identitária e do combate ao racismo estrutural.

No estudo de Marluse Arapiraca dos Santos (2009), ela enfatiza a questão da representação de gênero e raça no ensino fundamental, destacando como o ambiente escolar influencia na construção da identidade das crianças negras, especialmente no que diz respeito às dinâmicas de poder e reconhecimento.

A abordagem da escola com relação à consciência racial e às representações que perpassam em seu imaginário acerca do negro é, muitas vezes, a folclorização deste sob a forma de eventos culturais. Propostas de se introduzir os conteúdos e a discussão sobre a identidade racial, mesmo que positivas, nos currículos, ainda se encontram, no entanto, superficiais, sobretudo quando deixam de dar destaque à produção dos saberes próprios, da tecnologia, da religiosidade, das relações sociais, dos conhecimentos científicos, do uso da botânica, da história oral e também os mitos. A omissão desses conteúdos contribui para a marginalização e a não desmitificação da imagem de escravos, de seres sofredores e indefesos. (SANTOS, 2009, p. 156).

Embora haja esforços para incluir conteúdos sobre identidade racial, a superficialidade desse tratamento mantém a marginalização ao ignorar a diversidade

e a riqueza dos saberes produzido pela população negra. Essa omissão reforça estereótipos históricos de sofrimento e passividade, em vez de valorizar as contribuições intelectuais, científicas e culturais dessa população.

Silva, Almeida e Lima (2023) discutem tanto os avanços quanto os desafios encontrados na implementação da educação antirracista, apontando que, apesar de significativos progressos, ainda existem resistências institucionais e sociais que dificultam a plena efetivação dessa abordagem pedagógica. Essas resistências, muitas vezes enraizadas em preconceitos estruturais, precisam ser superadas para garantir uma educação inclusiva e transformadora.

O levantamento bibliográfico realizado demonstra que o racismo estrutural é um fenômeno complexo e profundamente enraizado na história do Brasil, afetando diretamente a educação e as oportunidades de aprendizagem dos estudantes negros. Nesse sentido, a educação antirracista, sustentada pela Lei 10.639/2003 e pelas perspectivas pedagógicas críticas, surge como uma ferramenta essencial para combater as desigualdades raciais e promover uma sociedade mais justa e inclusiva.

Para avançar nesse campo, é crucial continuar investindo na formação de professores, na produção de materiais didáticos diversificados e na implementação efetiva de políticas públicas educacionais antirracistas. A educação antirracista deve ser entendida como um conjunto de práticas pedagógicas que vão além da inclusão de conteúdos sobre a história e a cultura afro-brasileira, como afirma Nilma Lino Gomes (2021).

A Lei 10.639/2003, ao tornar obrigatório o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira nas escolas, representou um marco importante para a educação antirracista no Brasil. No entanto, sua implementação ainda enfrenta desafios significativos, como a resistência de algumas instituições de ensino e a falta de formação adequada para os professores. Por isso, é necessário um esforço contínuo para capacitar os educadores, para que possam efetivamente implementar as diretrizes da lei e combater o racismo estrutural.

A escola, como instituição central na formação cidadã, tem papel essencial na construção de uma consciência crítica sobre o racismo estrutural. A educação antirracista possibilita desconstruir discursos discriminatórios, valorizar a diversidade cultural e promover a equidade racial desde a infância. Assim, a educação configura-se como espaço de transformação social, capaz de desafiar estruturas de poder e promover a igualdade de direitos.

3 CAPÍTULO III: EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NO ENSINO FUNDAMENTAL: REFLEXÕES E PERSPECTIVAS

A educação antirracista no ensino fundamental é um tema de crescente relevância no contexto educacional brasileiro, uma vez que a sociedade ainda enfrenta os efeitos de um racismo estrutural profundamente enraizado. A implementação de práticas pedagógicas que combatam as desigualdades raciais e promovam a valorização da cultura e história afro-brasileira surge como uma estratégia essencial para transformar a realidade das escolas e garantir uma educação inclusiva. No entanto, não é uma tarefa fácil, pois, em muitos casos,

A solução proposta para os casos envolvendo a questão racial na escola é no âmbito individual e somente quando acontece alguma situação conflitiva. As conversas indutivas com os alunos para que conheçam e aprendam uns com os outros segue uma lógica liberal em que as relações entre indivíduos são privilegiadas, não tocando assim no seio do problema do racismo brasileiro. (VALENTE e DANTAS, 2021, p.09)

Ao fazer uma abordagem individualista e pontual no enfrentamento do racismo nas escolas, evidencia-se uma lógica liberal que foca apenas nas relações interpessoais, sem abordar as raízes estruturais do problema. Ou seja, ao tratar o racismo apenas em momentos de conflito e por meio de diálogos superficiais, evita-se um enfrentamento mais profundo das desigualdades raciais no Brasil, o que limita a efetividade das ações educativas nesse contexto.

Entendemos que, sem um treinamento sociológico e pedagógico a respeito da complexa natureza do racismo, não podemos avançar na consolidação de uma cultura antirracista nas escolas. Ao contrário, corremos o risco de reforçar práticas e representações racistas, pois a consolidação dessa cultura passa por tarefas profissionais complexas e por desafios psicológicos exigentes, tais como: (1) a autocrítica das/os profissionais da educação a partir da tomada de consciência acerca de como o racismo tende a guiar nossas ações sem que sequer nos demos conta disso; (2) o enfrentamento e a discussão de diversas maneiras e instâncias de manifestação do racismo nas escolas e fora delas; (3) o reconhecimento e ensino positivo de culturas, saberes e histórias que o racismo buscou excluir das escolas, do campo do saber e da própria sociedade, como é o caso, no Brasil, do universo histórico e cultural africano, afro-brasileiro e indígena. (SILVA, ALMEIDA e LIMA, 2023, p. 03)

Outro ponto importante que deve ser tratado é a reflexão sobre o papel da escola na construção de uma sociedade mais justa e igualitária, que passa necessariamente pela formação de alunos conscientes das questões raciais,

capazes de reconhecer e combater o racismo em suas diversas formas. Este tema exige uma análise crítica sobre as práticas educativas, a formação de professores e as políticas públicas implementadas, com o objetivo de contribuir para um ambiente escolar que promova a equidade racial e o respeito à diversidade desde os primeiros anos de escolarização.

Mas, como produzir na prática um conhecimento de equidade racial e respeito à diversidade? No trabalho de Santos (2022) traz um exemplo de como pode ser possível a partir da história contada da escritora Carolina Maria de Jesus:

As narrativas de Maria Carolina dialogam com as histórias de vida contadas pelas mães e/ou responsáveis das crianças que escutamos enquanto fazíamos suas anamneses. Essas narrativas, sobretudo, nos ajudaram a pensar de que forma essa história tão árida podia ser contada para as crianças de um lugar que não omitisse a realidade, mas que trouxessem experiências positivas para as nossas crianças. Esses são ensinamentos e reflexões complexos, mas necessários para quem se debruça a trabalhar com uma pedagogia de projetos voltados para uma educação antirracista para crianças. (SANTOS, 2022, p. 111).

A educação antirracista emerge como um instrumento fundamental na desconstrução das práticas discriminatórias enraizadas na sociedade e na promoção de um futuro mais igualitário. Nesse contexto, é imprescindível repensar o papel da escola, não apenas como um espaço de ensino, mas como um agente transformador capaz de combater as desigualdades raciais que atravessam as instituições sociais. E a Lei 10.639/2003 possibilita traçar um caminho diferente:

A legislação que institui a obrigatoriedade de conteúdos de história e cultura afro-brasileira, africana e dos povos indígenas é um convite para que narrativas não ocidentais estejam na sala de aula. O ato de narrar, contar uma história, está para além de dizer alguma coisa, informa um projeto de mundo. Narrar é uma maneira de dizer o que pretendemos fazer, a nossa jornada. (MORAES, 2021, p. 42).

No âmbito do ensino fundamental, essa abordagem adquire um caráter decisivo, pois é nesse estágio da educação básica que se podem semear as sementes de uma consciência crítica sobre o racismo e as diversas formas de discriminação racial. Ao abordar esses temas de forma precoce, buscam-se instigar nos estudantes valores como respeito, igualdade e justiça social, fundamentais para a construção de uma sociedade mais inclusiva e equitativa.

A reflexão sobre a educação antirracista ultrapassa a simples transmissão de conteúdos, pois também exige uma revisão profunda das práticas pedagógicas e institucionais que, muitas vezes, inadvertidamente, perpetuam desigualdades raciais dentro do ambiente escolar. Ou seja,

[...] tratar da discriminação racial em ambiente escolar não significa ajudar a criança negra a ser forte para suportar o racismo, como se apenas ela tivesse problema com sua identidade, com sua autoestima. Faz-se necessário corromper a ordem dos currículos escolares, que insistem em apresentar a produção cultural eurocêntrica como único conhecimento científico válido. (FRANCISCO JR. 2008, p. 404).

Como bem destaca Florestan Fernandes (1972), o racismo no país não é apenas um fenômeno individual ou episódico, mas sim uma construção histórica e social que se manifesta nas práticas cotidianas e nas estruturas institucionais, exigindo, portanto, uma ação escolar que vá além do ensino convencional e atue diretamente na desconstrução dessas barreiras.

A inserção de discussões sobre racismo e diversidade racial no currículo do ensino fundamental é uma medida imprescindível para o desenvolvimento do pensamento crítico entre os alunos. A educação antirracista oferece a oportunidade de compreender as dinâmicas históricas e sociais que sustentam as desigualdades raciais no Brasil, ao mesmo tempo em que os convida a refletir sobre seu papel na construção de um ambiente mais inclusivo.

Em outros termos, se faz necessário descolonizar a mente:

A descolonização das mentes insta-nos a construir práticas pedagógicas e epistemológicas antirracistas. Consiste em uma tomada de posição emancipatória diante de si mesmo e do outro, bem como na desconstrução da lógica racista presente na nossa socialização e nos processos formativos construídos na vida privada e pública. (GOMES, 2021, p. 437).

Ao propor uma tomada de posição emancipatória, a autora evidencia a necessidade de questionar e desconstruir a lógica racista enraizada na sociedade, tanto no âmbito privado quanto no público. Esse movimento implica uma reflexão crítica sobre os processos formativos e a socialização, visando transformar a educação em um espaço de equidade e reconhecimento das diversas formas de conhecimento historicamente marginalizadas.

A implementação de uma educação antirracista, longe de se restringir à valorização das identidades afrodescendentes, contribui também para uma formação

cidadã mais abrangente. Como observa Lélia Gonzalez (1988), o racismo se manifesta não apenas de maneira explícita, mas também por meio de práticas culturais e educacionais que silencia e marginaliza a contribuição da população negra para a sociedade.

Nesse sentido, torna-se fundamental compreender que a luta contra o racismo no ambiente escolar vai além de ações pontuais e requer uma transformação estrutural nos modos de ensinar e aprender. É preciso reconhecer que a escola, enquanto espaço de construção de conhecimento e de identidade, pode tanto reproduzir quanto combater desigualdades.

Juntamente com essa compreensão mais ampla e complexa do que é o racismo e os seus efeitos, precisaremos entender também o mito da democracia racial, a ideologia do branqueamento, a diferença entre manifestações de preconceito e de práticas discriminatórias. Devemos entendê-los não só como temas das nossas aulas na escola básica ou das pesquisas na graduação e pós-graduação, mas como práticas sociais que se expressam na sociedade, na escola, na universidade, no currículo, no material didático e nas relações estabelecidas entre os sujeitos da educação. (GOMES, 2021, p. 444).

Nesse contexto, a inserção de conteúdos sobre a história e cultura afro-brasileira, conforme previsto na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e na Lei 10.639/2003, representa um avanço fundamental para a formação integral dos estudantes. Ao ampliar perspectivas e estimular uma visão crítica da sociedade, essa abordagem contribui para o reconhecimento da diversidade cultural e para a construção de uma educação mais inclusiva e antirracista.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reforça a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas, conforme disposto pela Lei 10.639/2003. Esta diretriz visa corrigir lacunas históricas na educação e assegurar que a contribuição dos povos africanos e afrodescendentes seja plenamente reconhecida no processo de formação da sociedade brasileira. O ensino dessas histórias, além de garantir uma narrativa mais plural e representativa, também contribui para o fortalecimento da identidade e cultura negra, promovendo o respeito e valorização da diversidade étnica presente no país.

Uma nova geração de negras e negros vem se formando. Uma geração que interage intensamente com as redes sociais e o mundo on-line e que sabe aproveitar as vantagens das novas tecnologias e das mídias alternativas, não somente para se divertir, mas, também, para fazer política e realizar formação política. *Blogs, Instagram, Facebook, Twitter, Youtube* e as mais

diversas plataformas virtuais são hoje instrumentos de luta política e acadêmica da juventude negra. Essas estratégias também são realizadas por uma parcela da juventude negra na Educação Básica, que reeduca e enfrenta, muitas vezes de forma tensa, as suas famílias, as igrejas, a mídia e os docentes. São mais do que formadores e formadoras de opinião: são novos militantes negras e negros formados nos tempos das ações afirmativas. E, assim, têm reconfigurado o próprio Movimento Negro e o ajudado a repensar estratégias de resistências e de formação em tempos antidemocráticos. (GOMES, 2021, p. 446).

Dessa forma, a atuação da juventude negra nas plataformas digitais tem sido um fator determinante na reconfiguração do Movimento Negro, ampliando suas estratégias de resistência e formação política. Ao utilizar as novas tecnologias para questionar estruturas opressoras e reivindicar direitos, essa geração reafirma a importância das ações afirmativas e fortalece a luta por equidade em um cenário de constantes desafios democráticos.

Quanto às relações étnico-raciais nas escolas, Silva (2018), diz que a educação das relações étnico-raciais deve ser inserida de forma transversal nos currículos escolares, garantindo uma aprendizagem significativa e transformadora. Ao refletir sobre o impacto do debate sobre racismo e a educação antirracista na formação crítica dos estudantes, percebe-se que a escola desempenha um papel fundamental na criação de espaços para o reconhecimento e a discussão sobre a diversidade cultural brasileira.

Dessa forma, repensar as práticas pedagógicas à luz de uma perspectiva antirracista é um passo essencial para promover a equidade dentro do ambiente escolar. A valorização das múltiplas identidades que compõem a sociedade brasileira contribui para a construção de uma educação mais justa, que reconheça e celebre a diversidade como elemento central do processo formativo.

Essa perspectiva vem de encontro ao que propõe a Lei 10.639/03 e seus agentes. Pois todo o movimento em torno da questão racial na educação pública tem um imperativo pedagógico e político: o combate ao racismo estrutural brasileiro e uma mudança epistemológica em face ao eurocentrismo no pensamento social brasileiro. Isso requer intervenções e posicionamentos políticos. (OLIVEIRA, 2014, p.95).

Portanto, a referida lei tem como objetivo central desconstruir o eurocentrismo historicamente enraizado no pensamento social e educacional brasileiro, promovendo, em seu lugar, uma educação mais plural, crítica e inclusiva. Ao reconhecer e valorizar a diversidade étnico-racial que compõe a sociedade

brasileira, especialmente os alicerces históricos e culturais oriundos das populações negras e afrodescendentes, a legislação propõe uma reconfiguração dos referenciais culturais predominantes nos ambientes escolares.

Conforme aponta Waleska Miguel Batista (2018), a inferiorização da população negra, sustentada pelo racismo estrutural, é um grande obstáculo para a construção de uma sociedade justa. Nesse contexto, a escola deve atuar como um agente de mudança, promovendo a conscientização e a inclusão. Para tanto, é imprescindível que os educadores sejam adequadamente capacitados e utilizem metodologias ativas e interdisciplinares, incentivando o protagonismo dos alunos na construção do conhecimento e na transformação social.

No contexto da promoção de uma educação antirracista, diversas propostas pedagógicas podem ser implementadas para fortalecer essa abordagem nas escolas. Moraes (2021) sugere que o ensino deve partir de uma perspectiva crítica, incorporando narrativas afrocentradas e o resgate da ancestralidade dos povos africanos. Atividades como debates, análise de textos de autores negros, a produção de materiais audiovisuais e a utilização de obras literárias que abordem a diversidade racial são estratégias eficazes para promover uma educação mais inclusiva e representativa.

Além disso, a Residência Pedagógica tem o potencial de desempenhar um papel essencial na formação de professores comprometidos com práticas antirracistas. Conforme apontado por Fátima Santana Santos (2022), a formação docente deve ir além da mera transmissão de conteúdos, incorporando uma visão crítica sobre as relações étnico-raciais e capacitando os educadores para lidar com essa temática de forma sensível e fundamentada. Ao implementar tais propostas, a escola se configura como um espaço mais inclusivo e comprometido com a equidade racial, assegurando que todos os alunos tenham acesso a uma educação que respeite e valorize suas origens e histórias.

Dessa forma, a educação antirracista no ensino fundamental não apenas contribui para a redução das desigualdades raciais, mas também fortalece o pensamento crítico dos estudantes, preparando-os para uma sociedade mais justa e igualitária. A escola, enquanto espaço de transformação social, carrega a responsabilidade de promover uma educação que valorize e respeite a diversidade, combatendo todas as formas de discriminação e exclusão.

4 CAPÍTULO IV: EXPERIÊNCIAS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA RESIDÊNCIA EM HISTÓRIA/GEOGRAFIA (ESEBA/UFU)

A experiência aqui relatada foi desenvolvida no âmbito do Programa de Residência Pedagógica, vinculado ao projeto interdisciplinar História/Geografia, realizado no período de novembro de 2023 a abril de 2024, na Escola de Educação Básica (ESEBA). Esta instituição configura-se como uma unidade especial de ensino vinculada à Universidade Federal de Uberlândia (UFU), situada na Rua Adutora São Pedro, nº 40, no bairro Nossa Senhora Aparecida, na cidade de Uberlândia, Minas Gerais. A ESEBA oferece ensino público e gratuito nas modalidades de Educação Infantil e Ensino Fundamental. Dentre suas particularidades, destaca-se a organização diferenciada do corpo docente: enquanto nas séries iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 3º ano) atuam professores polivalentes, a partir do 4º ano o ensino é ministrado por docentes especialistas, distribuídos conforme as respectivas áreas do conhecimento, o que a distingue da maioria das instituições de ensino fundamental.

O ingresso dos estudantes na ESEBA ocorre exclusivamente por meio de sorteio público anual, tanto para a Educação Infantil quanto para o Ensino Fundamental. Trata-se de um processo seletivo aberto à comunidade em geral, evidenciando o compromisso da instituição com a promoção da equidade no acesso à educação. Esse modelo de admissão, baseado no sorteio, favorece a constituição de um corpo discente plural e representativo, refletindo a diversidade sociocultural da comunidade local. No que se refere ao currículo⁴, a ESEBA baseia-se nas orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), adaptando-as às necessidades específicas de cada área de ensino e ao seu público-alvo. Essa adaptação é realizada de forma criteriosa pela equipe pedagógica da escola, visando garantir uma formação integral e contextualizada aos estudantes.

Desde sua fundação, em 1977, a ESEBA, tem exercido um papel essencial no cenário educacional do município de Uberlândia. Reconhecida pela qualidade do ensino que oferece, a instituição também se destaca como espaço formativo para os estudantes dos cursos de licenciatura da Universidade Federal de Uberlândia (UFU),

⁴ Informações coletadas de acordo com os Parâmetros Curriculares Educacionais Educação Infantil Escola de Educação Básica - Universidade Federal de Uberlândia (PCE-EI-ESEBA-UFU) Uberlândia – MG – 2020.

possibilitando a articulação entre os saberes teóricos e as práticas pedagógicas. Caracterizada como uma escola de aplicação, a ESEBA consolida sua relevância acadêmica ao desenvolver, de forma integrada, atividades de ensino, pesquisa e extensão, reafirmando seu compromisso com a formação docente e com a produção de conhecimento voltado à melhoria da educação básica.

No contexto das práticas antirracistas desenvolvidas na ESEBA, destaca-se o projeto intitulado “Construindo uma Escola Antirracista: o Ingresso e Permanência de Cotistas na Educação Básica”. Essa iniciativa de pesquisa foi selecionada entre os 863 projetos inscritos no edital Equidade Racial e Educação Básica⁵, programa que tem como objetivo identificar e apoiar propostas que ofereçam soluções para os desafios da equidade racial na educação básica brasileira.

De acordo com o Comitê Gestor do projeto, a proposta foi elaborada de forma coletiva em junho de 2020, motivada pelo compromisso com a continuidade do enfrentamento ao racismo estrutural, a identificação e superação de práticas discriminatórias, a redução das desigualdades raciais históricas e a promoção da equidade racial no ambiente escolar — conforme declarou a coordenadora da iniciativa. Além desse projeto, pode-se destacar o livro⁶: “Construindo uma educação antirracista: Reflexões, afetos e experiências”. Por meio de relatos, análises e vivências, a obra evidencia o engajamento de dirigentes e professoras na construção de uma escola comprometida com a equidade racial.

Na experiência relatada, as atividades da Residência Pedagógica contaram com a orientação das professoras Maria Beatriz Junqueira Bernardes⁷ e Adriany de Ávila Melo Sampaio⁸, responsáveis pela supervisão acadêmica e pelo

⁵ O Edital Equidade Racial na Educação Básica: pesquisa aplicada e artigos científicos, é uma iniciativa do Itaú Social, com apoio do Instituto Unibanco, Fundação Tide Setúbal e Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), realizado pelo Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades (Ceert).

⁶ Organizada por Neli Edite dos Santos, pesquisadora e doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), a produção também contou com três docentes da Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia (Eseba/UFU) como colaboradoras: Fernanda Cássia dos Santos, doutora em História (UFPR); Gabriela Martins Silva, doutora em Psicologia (USP); e Léa Aureliano de Souza, graduada em Psicologia (UFU).

⁷ Possui Graduação em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia (1990), mestrado em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia (2001) e doutorado em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia (2007). Atualmente é professora associada da Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Geografia.

⁸ Licenciada em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia - UFU, em 1997. Mestre em Geografia também pela UFU, em 2001, e Doutora pela Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ, em 2006. Desde 2003 é professora da Universidade Federal de Uberlândia-UFU, no Instituto de Geografia- IG, e desde 2006 participa do Programa de Pós Graduação em Geografia. Atualmente está como Coordenadora do Grupo de Pesquisa em Ensino de Geografia na Perspectiva do Ser Humano Integral-GPEGPSHI, e Grupo de Pesquisa Espaços de Educação e Espiritualidade - GPEEE, com base no Laboratório de Geografia e Educação Popular - LAGEPOP.

acompanhamento pedagógico do projeto. Atuando como preceptora no contexto escolar, a professora Lidiane Aparecida Alves⁹ exerceu papel fundamental na mediação entre o residente e a rotina didático-pedagógica da ESEBA.

A contribuição das docentes orientadoras e da preceptora revelou-se de extrema relevância para a formação do residente, não apenas no cumprimento das atividades previstas pelo programa de residência pedagógica, mas, sobretudo, no fortalecimento de sua identidade docente em processo de construção. Por meio de uma postura marcada pelo profissionalismo, acolhimento e compromisso com a formação de professores, as referidas profissionais proporcionaram um ambiente respeitoso, colaborativo e intelectualmente estimulante, no qual o residente pôde desenvolver habilidades práticas, refletir criticamente sobre sua atuação e vivenciar, de maneira significativa, os desafios e as potencialidades do exercício da docência nas áreas de História e Geografia.

As regências foram conduzidas por um único residente vinculado ao curso de Licenciatura em História. No período compreendido entre novembro de 2023 e abril de 2024, foram realizadas quatro regências, ministradas em turmas distintas do 9º ano do Ensino Fundamental. Cada turma era composta por aproximadamente 30 estudantes, com idades variando entre 13 e 14 anos. Observou-se que o percentual de estudantes negros nessas turmas situava-se entre 20% e 30%, sem ultrapassar essa faixa. Durante as aulas e discussões, os discentes demonstraram elevado engajamento, compartilhando vivências cotidianas relacionadas a espaços de convívio social, como shoppings, unidades de saúde, clubes, entre outros.

O objetivo central dessa abordagem foi proporcionar uma reflexão crítica sobre as raízes históricas do racismo no Brasil, suas manifestações contemporâneas e suas repercussões sociais, promovendo uma análise que interligasse o passado e o presente, enfatizando a continuidade e as transformações das desigualdades raciais ao longo da história brasileira. Para atingir esse objetivo, foram utilizados diversos recursos pedagógicos, como materiais audiovisuais, textos críticos e atividades reflexivas que estimulavam o pensamento individual e coletivo dos estudantes. Esses recursos visavam não apenas a transmissão de conteúdo, mas

⁹ Possui Graduação (Licenciatura e Bacharelado) (2009), Especialização (2012), Mestrado (2011) e Doutorado (2016) em Geografia pelo Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia (IG/UFU). O doutorado foi desenvolvido com estágio (2013-2014) no Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da ULisboa. Atualmente é professora do Colégio de Aplicação Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia.

também o desenvolvimento da capacidade analítica dos alunos sobre os dinâmicos raciais presentes na sociedade brasileira.

Os procedimentos adotados pelo residente para o desenvolvimento das regências envolveram um processo meticuloso de planejamento pedagógico, com a seleção criteriosa de conteúdos relevantes e a elaboração de atividades dinâmicas que promovessem a participação ativa dos estudantes. A escolha dos temas e recursos didáticos foi feita com base nas necessidades específicas da turma e nos objetivos estabelecidos para o ensino de história e a promoção da reflexão crítica sobre o racismo estrutural. Além disso, a adaptação dos recursos disponíveis na escola foi fundamental para viabilizar uma abordagem mais inclusiva e engajante, respeitando as limitações do espaço e o perfil dos alunos.

As regências foram planejadas com o objetivo de promover uma reflexão crítica sobre o racismo estrutural, articulando conhecimentos prévios dos alunos com novos conteúdos discutidos em sala. A atividade teve como foco principal desenvolver a habilidade de leitura, interpretação e produção de texto opinativo, além de estimular a consciência cidadã e o posicionamento ético diante das desigualdades raciais ainda presentes na sociedade brasileira.

A aula teve início com uma breve contextualização histórica e conceitual do racismo estrutural, abordando suas origens, manifestações cotidianas e efeitos nas esferas social, econômica e institucional. Em seguida, foram exibidos vídeos curtos com depoimentos e situações reais que ilustram como o preconceito racial está enraizado nas estruturas sociais. Após a aula expositiva, foi promovida uma roda de conversa para que os estudantes compartilhassem suas impressões, vivências e percepções sobre o tema. Como culminância da atividade, os alunos foram convidados a produzir um texto opinativo, no qual deveriam expressar suas ideias sobre o racismo estrutural, relacionando a temática ao seu cotidiano e ao que foi discutido em sala. A proposta buscou estimular a construção de argumentos, a capacidade de reflexão crítica e a empatia, valorizando as diferentes formas de expressão presentes no grupo.

As produções escritas foram realizadas tanto em sala de aula quanto de forma remota, respeitando as condições de acesso dos estudantes. Essa prática possibilitou, além do desenvolvimento da competência escrita, um espaço de escuta ativa e construção coletiva de saberes, onde o racismo deixou de ser tratado apenas

como conceito abstrato e passou a ser compreendido como uma realidade que exige posicionamento, diálogo e transformação social.

O planejamento das aulas também foi enriquecido por um diálogo constante com os professores supervisores da residência, o que permitiu uma troca contínua de experiências pedagógicas. Esse intercâmbio foi essencial para aprimorar as práticas de ensino e garantir a qualidade da aprendizagem. Os professores supervisores ofereceram orientações metodológicas e sugestões que contribuíram para a adaptação das estratégias didáticas, tornando-as mais eficazes e alinhadas com os princípios educacionais estabelecidos pela instituição de ensino. Esse acompanhamento constante foi fundamental para o desenvolvimento profissional dos residentes e para a construção de uma abordagem pedagógica sólida e reflexiva no contexto da residência.

A proposta da atividade concentrou-se na produção de textos opinativos, com o intuito de estimular os estudantes a expressarem suas percepções sobre o racismo estrutural, articulando reflexões a partir de suas experiências pessoais e do contexto social em que estão inseridos. Nas duas primeiras turmas, a atividade foi realizada ao longo de duas aulas consecutivas, o que possibilitou aos alunos tempo suficiente para desenvolverem seus textos de maneira presencial e autônoma, favorecendo um envolvimento mais profundo com a temática proposta.

Durante as regências, os/as estudantes citaram vários exemplos atuais de manifestações no cotidiano do racismo estrutural, enquanto um sistema de relações de poder ainda presente na organização econômica e política da sociedade. Destaca-se dentre as referências ao racismo estrutural, comentado em sala de aula, o fato de que “na cadeia, a maioria são negros, os que possuem menos dinheiro são negros, os que menos têm moradia são negros, aqueles que mais passam por diversos tipos de dificuldades, são negros”. (E4, 2024).

Assim como “a desvalorização e restrição de oportunidades para as pessoas negras”. A ausência deles em cargos de liderança nas maiores empresas do país “mostra que o racismo estrutural atua de diversas maneiras e camadas” (E5, 2024). Tal estudante ainda fez a referência a caso ocorrido em um reality show, onde “a cantora Wanessa Camargo publicou um vídeo no Instagram onde reconhece o racismo estrutural em suas falas diretamente ao jogador Davi” (E5, 2024).

Durante a leitura das produções, foi possível perceber que os estudantes compreenderam plenamente a proposta da atividade. Muitos deles apresentaram

relatos pessoais, demonstrando não apenas envolvimento com o tema, mas também uma maturidade significativa na elaboração de argumentos e na expressão de suas experiências e percepções sobre o racismo estrutural.

Os textos, por terem sido produzidos em sala de aula ao longo da atividade, caracterizam-se como autorais e autênticos, refletindo as percepções individuais dos estudantes diante da temática trabalhada. No entanto, após a correção, os manuscritos foram devolvidos aos alunos, o que inviabilizou a inclusão de amostras dessas produções no presente estudo. A ausência desses registros compromete, em certa medida, a possibilidade de uma análise direta e aprofundada dos resultados obtidos com a atividade. Ainda assim, as leituras realizadas permitiram observar um alto grau de engajamento e sensibilidade por parte dos estudantes, evidenciando a relevância do tema proposto e sua capacidade de mobilizar reflexões significativas no ambiente escolar.

As duas aulas subsequentes foram aplicadas em turmas distintas, sendo possível realizar apenas um encontro presencial com cada uma delas. Essa limitação temporal impôs desafios à condução da proposta didática originalmente pensada, especialmente no que diz respeito ao acompanhamento do processo de produção textual de forma mais próxima e contínua. Considerando esse cenário, optou-se por adaptar a metodologia, transferindo a realização da atividade para o formato remoto, a fim de não comprometer a continuidade do trabalho pedagógico.

Para viabilizar essa adaptação, foram disponibilizados aos estudantes materiais complementares por meio da plataforma Google Forms, ferramenta que possibilitou organizar e orientar a atividade de maneira acessível e interativa. O formulário incluía um vídeo explicativo, que contextualizava a proposta e retomava os principais pontos discutidos em sala de aula, além de um trecho selecionado de uma obra literária, relacionado ao tema abordado, e um breve resumo dos conteúdos previamente trabalhados. Esses recursos foram cuidadosamente organizados com o intuito de fornecer suporte pedagógico eficaz aos alunos, mesmo à distância.

Essa estratégia buscou assegurar que todos os estudantes tivessem condições de compreender a proposta e de desenvolver sua produção textual de forma autônoma, mas ainda orientada por elementos estruturantes. Assim, procurou-se mitigar os impactos da restrição de tempo presencial, estimulando a reflexão crítica, o exercício da escrita e o aprofundamento dos conteúdos. Além disso, a

adoção do formato remoto contribuiu para fomentar a autonomia dos discentes no processo de aprendizagem, permitindo-lhes organizar seu tempo, acessar os materiais conforme sua disponibilidade e produzir seus textos com base em uma mediação pedagógica ainda que não presencial.

A fim de ilustrar de maneira mais concreta a proposta encaminhada aos alunos nas turmas em que a atividade foi realizada de forma remota, apresenta-se, a seguir, um print da atividade disponibilizada por meio da plataforma Google Forms. Esse material complementou os conteúdos trabalhados em sala de aula e orientou os estudantes na produção textual realizada fora do ambiente escolar.

Segue abaixo o print do enunciado da atividade solicitada e o link do vídeo:

<https://www.youtube.com/watch?v=Tpjog5PQJRE&pp=0gcJCdgAo7VqN5tD>

AVALIAÇÃO SOBRE RACISMO ESTRUTUR.

Perguntas

Respostas

38

Configurações

AVALIAÇÃO SOBRE RACISMO ESTRUTURAL

B *I* U ↺ ✕

Assista ao vídeo abaixo e elabore um texto opinativo, de no mínimo DEZ linhas, sobre o Racismo Estrutural. Levando em consideração o que o vídeo apresenta e os conceitos aprendidos em sala de aula. Os critérios a serem seguidos são: 1- **Clareza e Coerência** - o texto deve apresentar argumentos claros e bem articulados, 2- **Originalidade e Criatividade** - o texto deve expressar uma opinião única e original sobre o assunto, 3- **Organização e Estrutura** - o texto deve ter uma estrutura clara e organizada, com introdução, desenvolvimento e conclusão bem definidos.

Valor:

2,00 pontos.



Fonte: produzido pelo autor (2025)

Conforme indicado no cabeçalho do enunciado da atividade, foram obtidas 38 respostas, o que representa um número significativo, considerando que, no dia da

apresentação, o total de alunos presentes nas duas turmas nas quais a atividade foi proposta era de 42. Ou seja, apenas 4 alunos não participaram da atividade.

A partir dessas produções, foram analisadas vinte e sete respostas, para compor este relato experiencial. Com o objetivo de preservar a identidade dos participantes, os textos foram identificados pela letra "E", de estudante, seguida de números cardinais. A escolha dos textos remotos considerou a diversidade de conteúdos abordados, estilos de escrita e níveis de aprofundamento. Buscou-se contemplar diferentes formas de compreensão sobre o tema, incluindo desde análises mais complexas até reflexões breves, porém significativas.

Essa seleção visa representar a pluralidade de perspectivas dos estudantes sobre o racismo estrutural, evidenciando aspectos que podem ser valorizados ou aperfeiçoados em futuras propostas pedagógicas, respeitando as especificidades e potencialidades de cada turma.

No processo de análise dos textos produzidos remotamente pelos estudantes, foi adotada uma categorização com o objetivo de compreender a variedade de abordagens, níveis de autoria e qualidade textual presentes nessas produções. A leitura cuidadosa desse material permitiu identificar diferentes formas de apropriação do tema, o que levou à definição de três critérios principais de classificação para fins deste relato.

A primeira categoria refere-se a textos que apresentaram indícios de terem sido copiados integral ou parcialmente de fontes disponíveis na internet, ou que utilizaram referências externas sem uma reelaboração crítica e pessoal. Embora alguns desses textos sejam bem estruturados, a falta de originalidade compromete a autenticidade da produção.

Nesse sentido, os textos abaixo selecionados seguem a primeira categorização, que são:

A. Textos com Indícios de Reprodução Não Autoral:

O racismo estrutural não é o racismo individual, como alguém que é racista por si só, é aquele racismo que está impregnado na sociedade desde tempos antigos, as vezes até de forma escondida. Antes da lei áurea ser assinada, o racismo era muito forte, tratando pessoas negras de forma desumana, mas mesmo depois da assinatura o racismo se fez presente até os dias atuais. Antigamente, tudo era separado para negros e brancos, como restaurantes, clubes e até mesmo calçadas, isso melhorou, mas não faz tanto tempo assim, sabendo que o Brasil foi o último país do ocidente a abolir a escravidão. Nós dias de hoje ainda

vemos casos de racismo como algo "normal" e nem reparamos que é racismo as vezes, como a desconfiança que é maior quando um negro entra em uma loja de grife do que quando um branco entra. Outro exemplo é quando os policiais levam um negro até a delegacia sendo que ele foi a vítima e não o causador do problema. O racismo é algo que sempre vai existir na sociedade, querendo ou não, pois sempre existirão aquelas pessoas que julgam o outro com base na cor da pele, e isso se devem graças aos nossos antepassados que criaram teorias e ideias de que negra seria uma "raça" inferior aos brancos. (E5, 2024).

A escrita demonstra uma compreensão geral sobre o conceito de racismo estrutural, diferenciando-o do racismo individual e trazendo exemplos históricos e contemporâneos que ilustram como essa forma de discriminação está enraizada na sociedade brasileira. Embora haja indícios de que parte do conteúdo possa ter sido retirada de fontes da internet, o estudante não fugiu do tema proposto e conseguiu articular informação pertinente ao debate.

É importante reconhecer que, mesmo com o possível uso de materiais prontos, o aluno selecionou ideias relevantes e organizou um raciocínio coerente, o que pode indicar certo nível de compreensão do assunto. Além disso, ao destacar situações concretas de racismo ainda presentes no cotidiano, o texto aponta para uma percepção crítica, ainda que não completamente autoral.

O texto a seguir apresenta uma definição técnica do racismo estrutural e uma contextualização histórica do problema no Brasil. A escrita sugere possível apoio em fontes da internet, mas revela um esforço de organização das ideias e compreensão do tema.

Racismo estrutural é quando o preconceito e a discriminação racial estão consolidados na organização da sociedade, privilegiando determinada raça ou etnia em detrimento de outra. Mais do que se conectar simplesmente ao crime de racismo, diz respeito ao funcionamento da sociedade como um todo direcionado a alguém tendo em conta sua origem étnico-racial, geralmente se refere à ideologia de que existe uma raça melhor que outra as causas do racismo estrutural no Brasil vêm de um processo histórico, remontando ao colonialismo e à dominação iniciadas no século 16 desde a chegada dos portugueses ao continente americano, índios e negros, por serem considerados inferiores pelos brancos, foram escravizados e impostos à cultura europeia meso [sic] com o passar do tempo os foram criadas diversas formas de excluir os negros da sociedade sendo que eles também são seres humanos usam as mesmas roupas consomem a mesma comida e bebem a mesma água, mas ainda sofrem com a desigualdade no Brasil. (E6, 2024).

Apesar de possíveis trechos retirados de fontes externas, o estudante não fugiu ao tema e demonstra uma compreensão geral sobre o racismo estrutural e seus impactos históricos e sociais.

O texto a seguir apresenta uma definição formal e bem estruturada do conceito de racismo estrutural, mas não revela um domínio autoral claro por parte do estudante. A semelhança com outras produções anteriores sugere que o conteúdo pode ter sido retirado de fontes externas, o que compromete a originalidade da reflexão, apesar da coerência temática e da organização textual.

O racismo estrutural refere-se a um sistema em que as políticas públicas, as práticas institucionais, os padrões culturais e a tomada de decisões socialmente aceitas perpetuam desigualdades raciais. Diferente do racismo individual, que pode ser atribuído a atos discriminatórios de uma pessoa, o racismo estrutural é incorporado dentro das fundações de uma sociedade, afetando coletivamente os membros de grupos raciais desfavorecidos. Essas desigualdades se manifestam em vários lugares, incluindo, acesso desigual a educação de qualidade, moradia, emprego, assistência médica e justiça. O racismo estrutural é muitas vezes "invisível" para aqueles que se beneficiam dele e requer uma análise crítica e ações intencionais para ser desmantelado. Conscientização, educação e reformas políticas são passos fundamentais para combater essa forma de racismo e construir uma sociedade mais justa e igualitária. (E8, 2024).

O texto a seguir apresenta uma definição ampla do racismo estrutural e inclui exemplos atuais para ilustrar o tema. No entanto, observa-se uma forte semelhança com os manuscritos analisados anteriormente, tanto na construção das frases quanto na estrutura argumentativa, o que sugere que o conteúdo pode ter sido extraído de fontes da internet ou de materiais prontos, sem uma reelaboração pessoal.

O racismo estrutural no Brasil é o conjunto de práticas, falas, e hábitos presentes no dia a dia da nossa sociedade que faz mesmo sem intenção ou preconceito mas racismo estrutural no Brasil frente desde muito tempo remontando ao colonialismo que foram iniciadas mais ou menos no século 16 desde a chegada dos portugueses no Brasil os índios e os negros são desprezados pelos brancos e são escravizados. Racismo estrutural é um termo usado para reforçar o fato de que existem sociedades que com base na discriminação privilegia algumas raças. Ele estrutura a sociedade a partir da desvalorização e restrição de oportunidades para as pessoas negras. A ausência deles em cargos de liderança nas maiores empresas do país mostra que o racismo estrutural atua de diversas maneiras e camadas. Podemos usar como exemplo que está sendo muito falado na internet o que aconteceu no BBB 24 que no início da noite de terça-feira dia 12 a cantora Wanessa Camargo publicou um vídeo no Instagram onde reconhece o racismo estrutural em suas falas diretamente ao jogador Davi outro exemplo bem interessante é a

ausência de pessoas negras em cargos de liderança nas maiores empresas. Então podemos concluir que o racismo estrutural está enraizado no pensamento e nas atitudes de uma sociedade que ainda permanece desconhecendo o racismo. É preciso educar as pessoas e desconstruir todo esse paradigma, garantindo assim o princípio da igualdade conforme a Constituição Federal do Brasil. (E9, 2024).

Embora o texto esteja alinhado com o tema proposto e traga exemplos relevantes, a semelhança com outras respostas analisadas reforça a hipótese de que o estudante recorreu a materiais prontos. A ausência de marcas de autoria ou reflexões mais pessoais limita a autenticidade da produção, ainda que o conteúdo apresente coerência e esteja bem organizado.

O texto a seguir apresenta uma explicação direta e bem estruturada sobre o racismo estrutural no Brasil, abordando suas origens históricas e impactos atuais. Contudo, assim como em outras produções analisadas, a linguagem formal e a construção das ideias indicam forte possibilidade de uso de fontes externas, com pouca ou nenhuma colaboração pessoal por parte do estudante.

Racismo estrutural, existente no Brasil, é uma realidade que influencia todos os aspectos da sociedade e determina as oportunidades e a qualidade de vida de milhões de brasileiros. Desde o período da escravidão, as leis foram feitas de modo que afetava as desigualdades de base racial, levando as partes a diferenças sociais e econômicas significativas. Isso, por sua vez, reflete-se nos sistemas de educação, mercado de trabalho e justiça, com as pessoas negras e pardas continuando a enfrentar barreiras estruturais e discriminação. Para lutar contra isso, medidas integradas que envolvam políticas de igualdade racial e conscientização antirracista são necessárias. (E10, 2024).

Os textos a seguir abordam o tema do racismo estrutural com vocabulário formal, utilização de conceitos amplamente divulgados na internet e, em alguns casos, com menções diretas a autores como Silvio de Almeida. A estrutura discursiva, a semelhança entre os argumentos apresentados e a forma como os textos estão organizados indicam que é bastante provável que os estudantes tenham feito uso de materiais externos sem uma reelaboração crítica e pessoal mais evidente. Vejam abaixo:

O racismo estrutural é uma realidade que infelizmente existe até hoje que permeia todas as instituições e aspectos da sociedade, perpetuando injustiças e desigualdades há séculos. Defender a abolição do racismo estrutural é essencial para construir uma sociedade verdadeiramente justa e igualitária. Não basta apenas reconhecer sua existência; é necessário agir de maneira decisiva para dismantelar as estruturas que o sustentam. Isso inclui reformas políticas, programas educacionais e

econômicos, e uma mudança cultural profunda. Enquanto o racismo estrutural persistir, não podemos alcançar nosso pleno potencial como sociedade. É hora de enfrentar essa injustiça de frente e trabalhar incansavelmente para criar um mundo onde todas as pessoas sejam valorizadas e tratadas com dignidade e respeito, independentemente da cor da pele. (E12, 2024).

O racismo estrutural é aquele que está presente na estrutura. O Brasil foi um país construído a partir da exploração de pessoas negras, isso impactou na visão do negro na sociedade brasileira, isso foi dado a partir do olhar eurocêntrico. Com base nessa perspectiva das teorias raciais para legitimar a desumanização e inferioridade dos corpos negros, sendo assim o racismo foi se estruturando e se fazendo presente em nossa sociedade. (E16, 2024).

Racismo é uma forma de discriminação e preconceito baseado na raça de uma pessoa. O racismo estrutural é quando o preconceito e a discriminação facial estão consolidadas na organização da sociedade. Racismo estrutural segundo Silvio Almeida, autor do livro "Racismo Estrutural", explica que este fenômeno constitui a estrutura da sociedade, o que inclui as relações políticas, jurídicas e econômicas. Além disso, o racismo estrutural se manifesta na criminalização seletiva e no tratamento desigual pelo sistema de justiça criminal. Outro aspecto crucial do racismo estrutural, é sua interconexão com outras formas de opressão, como homofobia e xenofobia. Para combater o racismo estrutural, é imperativo reconhecer a sua existência e entender suas manifestações. Exige uma abordagem colaborativa que desmantele as estruturas de poder que perpetuam a desigualdade racial e promova a justiça social e a igualdade de oportunidades para todos. Somente através de um compromisso coletivo com a equidade e a inclusão podemos esperar construir uma sociedade verdadeiramente justa e igualitária para as gerações futuras. (E17, 2024).

Racismo Estrutural [sic] O racismo estrutural é uma realidade que permeia nossa sociedade, moldando relações, oportunidades e destinos, limitando o que você pode ou não fazer de acordo com sua pele. Ele não se limita a atitudes individuais, mas está profundamente enraizado na sociedade que vivemos, pois desde muitos anos os negros foram vistos como uma raça inferior se assemelhado a macacos. Hoje em dia isso deveria ter acabado, porém isso foi profundamente enraizado na política, cultura, sociedade, até mesmo na área de trabalho, as vezes você pode ser reprovado no emprego apenas por ser negro. (E20, 2024).

Observa-se uma repetição de ideias, estrutura e linguagem, o que sugere o uso de fontes da internet sem uma reelaboração crítica mais aprofundada. Essa semelhança entre os conteúdos enfraquece a expressão autoral e limita o desenvolvimento de reflexões próprias. No quarto texto (E20), inclusive, nota-se a inserção de um título no início ("*Racismo Estrutural*"), o que reforça a hipótese de que o conteúdo pode ter sido transcrito ou adaptado diretamente de uma fonte externa, sem que o estudante tenha se apropriado efetivamente do tema.

A seguir, são apresentados mais três textos que encerram esta primeira etapa da análise por categorização. Assim como os anteriores, estes também evidenciam uma problemática recorrente: a construção de textos opinativos aparentemente fundamentados em materiais disponíveis na internet, sem a devida reelaboração crítica ou apropriação autoral por parte dos estudantes.

O racismo estrutural possui esse nome pois ele é algo que vai se construindo no nosso dia a dia de tempos em tempos. Por exemplo, algumas pessoas que não tem conhecimento sobre o assunto, ou algumas pessoas que aprendem a prática do racismo mais novas são muito fáceis de serem influenciadas pelos outros, alguns pela própria família, outros pelos professores ou pela escola em geral, alguns por mídias digitais como redes sociais ou algum produtor de vídeos que a pessoa assiste, alguns filmes, alguns amigos, etc. Em meio a maioria de grupos de amigos, na maioria das vezes os mais jovens, praticam o racismo através de apelidos aos colegas, de vez em quando de uma forma inocente e que não magoa o amigo (mas não deixa de ser racismo), mas também pode ocorrer o bullying, que com certeza magoa quem sofre com isso. Algumas crianças começam a receber pensamentos racistas por serem completamente influenciados por mais velhos, como por exemplo, antigamente era comum utilizar-se expressões racistas no dia a dia como se fosse normal, e algumas pessoas mais velhas ainda não abandonaram essa pratica racista, e uma criança que aprende isso é mais fácil de ela desenvolver pensamentos piores. (E21, 2024).

O Racismo Estrutural é um ato discriminatório, institucional, cultural e histórico cometido por uma parte da sociedade privilegiada. Esse termo existe devido a forma que a sociedade foi estruturada ou seja, pessoas com o tom de pele branco foram privilegiadas ganhando poder para poderem desprivilegiar pessoas com o tom de pele parda ou negra. E isso é um problema mundial mas no Brasil é algo mais grave, e é ruim pensar que o Brasil que foi um país colonizado com diferentes pessoas de cores, etnias, e culturas diferentes, está na posição de um dos países mais racistas do mundo. O Racismo pode ser observado de diferentes formas como por exemplo, os negros são vitimas em 75% dos casos policiais no Brasil, 64% de pretos e pardos são desempregados, 66% são subutilizados, a ausência de crianças negras em escolas é enorme, utilização de palavras pejorativamente usadas com base em pessoas negras. Bom o racismo é algo que é preocupante para o Brasil e não só pela imagem do país mais sim pelas vidas das pessoas que sofrem todos os dias nas ruas por causa de preconceitos e de violência. (E22, 2024).

O Racismo Estrutural é uma realidade complexa e "enraizada" que se construiu na sociedade desde tempos antigos, ele se manifesta de maneira sutil e muitas vezes de formas imperceptíveis. Se trata de um conjunto de práticas, normas e valores enraizados na sociedade e nas relações sociais, que fixam a desigualdade com base na cor de pele da pessoa. Esse tipo de racismo vai além de atitudes individuais discriminatórias, ele está presente nas estruturas políticas, econômicas, educacionais e culturais, moldando ou até mesmo "ditando" as oportunidades e os direitos das pessoas com base em sua cor de pele. O Racismo Estrutural é invisível para muitos, mas seus efeitos para as minorias étnicas e raciais são: limitação de possibilidades de acesso a

empregos de qualidade, saúde, educação, bem-estar, segurança e entre outros. Uma pessoa branca sofre das mesmas coisas que uma pessoa negra, então por que toda essa discriminação com a pessoa por ter a cor de pele diferente da sua? (E23, 2024).

Esses textos mostram que, embora os estudantes estejam começando a se envolver com a temática de forma mais direta, ainda há uma dependência significativa de fontes externas e uma falta de uma verdadeira apropriação do conteúdo, o que nos leva a iniciar a transição para a próxima fase da análise, voltada para a identificação de textos com maior potência crítica e engajamento autoral.

A segunda categoria abrange os textos considerados originais e com potência, nos quais foi possível identificar uma autoria clara por parte do estudante, marcada por reflexões consistentes, envolvimento com o tema e um posicionamento crítico. Essas produções, mesmo com diferentes níveis de sofisticação na linguagem, evidenciam engajamento e aprofundamento na abordagem do racismo estrutural. Para essa segunda categorização foi dado o seguinte título:

B. Textos Originais com Potência Crítica e Engajamento:

O texto a seguir reflete sobre o impacto do racismo estrutural na sociedade, a partir da análise do vídeo assistido. O (a) autor (a) destaca a normalização da discriminação e da violência contra corpos negros, associando essa problemática com a desigualdade de gênero, apontando que, historicamente, tanto mulheres quanto negros foram marginalizados e desumanizados.

O vídeo assistido faz nos refletir muitas coisas ao se tratar do racismo estrutural. É triste pensar que discriminar [sic], violentar e desrespeitar um corpo negro é normalizado dentro da nossa sociedade, é como se ser branco fosse uma coisa rara e merece ter o direito de tratar uma pessoa negra de tal forma. Estávamos estudando sobre a desigualdade de gênero do homem e da mulher em língua portuguesa, o quanto isso é algo sério e presente ainda na nossa sociedade e é possível relacionar esse tipo de desigualdade de gênero com a desigualdade de raça, pois são duas coisas que principalmente no passado era algo completamente normal; não dar os direitos básicos as mulheres e aos negros; não dar a liberdade de vida á eles, desmerecê-los por serem quem são como se todos não fôssemos de uma única espécie humana ou como se fosse animais domésticos e isso é um ABSURDO, essa minoria de pessoas são as mais presentes na população mundial e ainda lutam contra [sic] o mínimo, que é ser respeitado. Precisamos fazer a nossa parte e até mesmo ajudá-los a combater esse racismo, não é brincadeira esse tipo de atitude, é crime. (E4, 2024).

O texto busca conscientizar, sobre a importância de respeitar a diversidade e combater práticas racistas, reforçando que atitudes discriminatórias não devem ser tratadas como algo trivial.

A resposta da estudante número onze se destacou pela elaboração de uma crônica que superou as expectativas. A escrita foi cuidadosa, bem estruturada e demonstrou sensibilidade e profundidade na abordagem do tema. A seguir, apresenta-se o texto produzido:

Uma preta que sabia demais Preto sempre vira alvo de piada, mas não vira por ser engraçado ou fazer algo de fazer rir, não... é sempre de ser apenas preto. Seja preto, seja pardo, você vira motivo de fazer rir, motivo de se ter raiva, motivo de ser violentado constantemente, seja com palavras ou ter o corpo com cicatrizes feitas pela fúria dos brancos que te considera doença, algo que ninguém quer ver por perto. Essa é só a história de mais uma preta, que era marcada por essa mesma coisa, que víamos a ser marcada por estas mesmas cicatrizes, tinha uma pele escura e cabelos negros e crespos, vestia um vestidinho feito de retalhos, seu nome era Amara. Amara perdeu seus pais quando era muito nova, três anos apenas, e tinha sido adotada por uma família de brancos rica, que adorava torturar esta pobre garota todos os dias, o patrão era um senhor de respeito na pequena vila de Taperoá, tinha uma fazenda enorme que ocupava uma extensão territorial grande só para seu gado. Era criador de gado, ganhava muito dinheiro com sua criação, pagava pouco para milhões de empregados que estavam sempre dispostos a fazer o trabalho duro na fazenda, - estou do jeito que vês agora, obrigado-. A patroa era uma senhora loura que sempre gostava de receber hóspedes em casa, a maior parte do tempo ficava sentada em uma cadeira bordando panos de prato para vender na vila, era muito respeitada na igreja por sua riqueza e suas contribuições. Sua filha era sempre referida por ser uma anjinha dos céus, uma garotinha loura com muitas roupas, brinquedos e um quarto gigantesco só para ela. Amara era tratada feito lixo, dormia nos cantos da dispensa imunda e sempre tinha que fazer as tarefas domésticas da casa, para ela era o quinto dos infernos estar naquelas condições comparando com a sua meia-irmã Maria. Mesmo que tivesse essa vida miserável, Amara possuía seus divertimentos, sempre entrava escondida no quarto de Maria, para pegar lápis e papéis para desenhar ou escrever poesias. Na noite de natal, Maria ganhou de sua tia um livro, não sendo é claro o que ela esperava ganhar. - Obrigada...- dizia Maria á sua tia, com desgosto. Depois que todos dormiram, o livro estava largado no chão da sala, Amara pegou o livro e começou a ler com a luz da dispensa acesa, ela achou interessante, falava sobre metamorfose na natureza. Desde então Amara tomou gosto por livros, estava sempre com um livro em suas mãos, e insistia a patroa para lhe colocar em uma escola, queria saber mais sobre o que lia em livros. Depois de muito tempo, ela foi colocada em uma escola, simples e pobre, mas para ela só de poder estar lá já era motivo de grades felicidades. Sempre escutava admirada os professores, adorava aprender coisas novas, e sempre participava ativamente das aulas, o que admirava os professores e estranhavam os alunos. Ela talvez soubesse mais do que muitos de sua turma ou até da escola inteira, dois alunos brancos de cabelos castanhos e olhos verdes como as folhas das árvores, eram gêmeos, percebiam isso, e não admitiam que uma preta "soubesse mais do que deveria" e foram falar com a garotinha com extrema amargura e fúria nos olhos: - Ei!- falou um dos meninos -

Sim? Precisam de algo? – Pergunta a garotinha com calma em seus pequenos olhos castanhos e brilhosos - Como? - Como o quê? - Como você sabe mais do que todo mundo? - Como assim? Tem problema gostar de estudar? - Não eres isso sua burra! Você sabia que macacos não pensam? Por isso não deverias saber mais que nós! A garota ficou surpresa, não sabia como reagir em relação ao assunto. Pesou e respondeu com bravura e fúria em seus olhos - Olhe aqui! Fique sabendo que de acordo com a ciência macacos pensam sim! Se eles conseguem se comunicar com outros de seu bando e ver se uma fruta que é venenosa ou não é quer dizer que eles pensam! O menino estava prestes a abrir a boca, mas a menina continuou: - E tem mais, de acordo com a história, todos os seres humanos tem um ancestral em comum, o que você mesmo diz: O macaco, mais precisamente o chimpanzé! Não é só preto ou pardo! É branco também! Os professores observavam a cena admirados com como a menina resolveu aquela situação desalmada: com o Conhecimento! Os garotos foram humilhados, não sabia como responder com a técnica da menina, principalmente quando não davam o menor valor no conhecimento. Assim, a vida de Amara mudou-se completamente, foi crescendo, e sonhava em ser escritora de livros de todos os gêneros científicos, a menina saiu da casa do patrão e da patroa, feliz da vida, já começando a escrever um livro para crianças saberem agir com relação á o que ela passou, com a técnica do conhecimento. Conhecimento é algo que todo ser humano pode ter, seja branco, preto, indígena, pardo, asiático, basta querer possuir e usar ele a seu favor! P.S: Crônica opinativa de minha autoria minha [sic]. (E11, 2024).

A crônica apresentada revela com sagacidade e profundidade a trajetória de Amara, uma menina negra que, apesar das adversidades e da opressão racista em sua vida, encontra no conhecimento uma poderosa ferramenta de resistência e transformação. A autora, apesar da idade, com uma sensibilidade notável, constrói a história de uma jovem que, mesmo em condições adversas, resiste à brutalidade da discriminação e à violência estrutural, usando o saber como seu maior aliado.

O enredo não apenas denuncia a crueldade do racismo, mas também celebra a inteligência e a capacidade de superação, destacando como o acesso ao conhecimento pode alterar o curso de uma vida marcada pela injustiça. A autora, com maestria, faz um convite à reflexão sobre o valor do conhecimento e como ele pode ser um caminho para a liberdade e para a quebra de estigmas raciais, oferecendo um relato cheio de vigor e esperança.

No texto a seguir, percebe-se que o autor, utilizou um exemplo do cotidiano para ilustrar como esse tipo de discriminação se manifesta de forma sutil, mas ainda assim prejudicial, e conecta o racismo estrutural ao histórico de exclusão e marginalização dos negros no Brasil.

O Racismo Estrutural é uma forma de racismo que foi construída com o tempo e com o passar de épocas. Essa forma de racismo, infelizmente

ainda é muito presente na vida de muitas pessoas, podendo às vezes chegar a estar presente na vida dos outros sem que as pessoas nem saibam. Um exemplo de Racismo Estrutural que acontece muito nos dias atuais, seria uma senhora negra entra em uma loja de roupas e observa produtos, mas ela decide sair da loja sem adquirir produto algum, pois não gostou dos produtos, na hora em que está de saída, o segurança a barra na porta pedindo pra que ela abra sua bolsa para que seja revistada. Esse tipo de exemplo não aconteceria se a mulher fosse branca, pois as pessoas associam o tom de pele negra com o fato de ser ladrão ou bandido. Existiram e existem leis em que a discriminação com as pessoas negras era evidente. O Brasil é o país mais miscigenado do mundo, mas mesmo assim, foi o último a assinar a lei de libertação dos escravos. Mesmo com a criação dessa lei, os escravos não tinham leis protetoras, significando que se largasse a escravidão, não teriam terras, animais, nem formas de trabalho, pois os brancos não queriam pagar salário para as pessoas que a pouco tempo atrás eles podiam escravizar. (E13, 2024).

O texto reflete com precisão a continuidade do racismo estrutural, mostrando como ele se infiltra nas relações cotidianas e se perpetua através de atitudes aparentemente "naturais", mas profundamente discriminatórias. O exemplo da senhora negra sendo abordada em uma loja revela a naturalização da suspeita baseada na cor da pele, evidenciando a necessidade urgente de uma reflexão crítica sobre os mecanismos que sustentam essa forma de racismo.

No texto a seguir o autor reflete sobre a desigualdade racial persistente, destacando como certos grupos são favorecidos por um sistema que, em teoria, deveria ser igual para todos. A mensagem central é a necessidade urgente de combater essa discriminação para construir uma sociedade mais justa e igualitária.

O racismo estrutural é uma discriminação [sic] enraizada na sociedade desde os tempos antigos, em que algumas raças são privilegiadas. Esses privilégios estão presentes em tudo como, escolas, sistemas de justiça, trabalho e etc. Mesmo que pareça que as regras sejam iguais para todos elas beneficiam apenas um grupo de pessoas específicos de pessoas [sic]. Esse tipo de racismo por incrível que pareça não ficou no passado e muitas pessoas ainda sofrem com isso e fazem esse racismo, pessoas hoje em dia ainda acham que as pessoas por serem de outra raça são menos evoluídas, coisa que não é verdade. É preciso mudar isso, para uma sociedade mais "evoluída" não podemos continuar algo tão besta, a raça de uma pessoa não diz nada sobre ela, precisamos trabalhar junto como uma sociedade para combater o racismo e criar uma sociedade justa e igual para todos. (E15, 2024).

O texto oferece uma análise direta e acessível sobre o racismo estrutural, sublinhando a perpetuação de privilégios raciais nas diversas esferas sociais. Embora a reflexão seja válida, o uso de termos como "evoluídas" para descrever a sociedade pode ser revisado para evitar interpretações simplistas. No entanto, a

proposta de um trabalho coletivo para erradicar o racismo é uma mensagem importante e necessária.

O texto a seguir traz uma reflexão sobre como o racismo estrutural está presente nas atitudes e percepções cotidianas, muitas vezes de forma naturalizada. A partir da atividade que foi realizada na sala de aula, envolvendo um dos vídeos apresentados, que apresentava imagens em um processo seletivo simulado, o autor destaca como o olhar social tende a associar pessoas negras a funções subalternas, mesmo quando as imagens apresentadas são idênticas às de pessoas brancas.

O Racismo Estrutural é algo colocado na sociedade a tempos, onde por exemplo fazer piadas racistas se torna algo "comum". Na aula foi apresentado um vídeo de entrevista de emprego, onde foi mostradas imagens aos candidatos, imagens essas que eram as mesmas, só que, com pessoas negras e pessoas brancas. Vou usar o exemplo do moço que estava cuidando do jardim da casa, na primeira imagem era um homem branco e todos os candidatos falaram "ele está cuidando do próprio jardim", e na vez do homem negro falou "ele é um jardineiro". Então o racismo estrutural é basicamente você falar que os negros são inferiores aos brancos e que qualquer serviço de baixa remuneração e que é mal visto pela sociedade como ser gari é um trabalho para negros. (E18, 2024).

A análise que o (a) estudante produziu demonstra, de forma simples e direta, como o preconceito racial opera de maneira sutil, porém constante, reforçando estereótipos que precisam ser desconstruídos por meio da educação e da consciência crítica.

O próximo texto apresenta uma reflexão pessoal e sensível sobre o racismo estrutural, destacando como ele afeta, principalmente, a população negra de forma cotidiana e injusta. A partir da referência do vídeo que foi apresentado no enunciado da atividade proposta, o autor evidencia como expressões aparentemente simples podem carregar significados discriminatórios, usados para rebaixar ou inferiorizar alguém pela cor da pele.

Em minha opinião o racismo estrutural é uma forma de preconceito que inclui sua etnia ou cor. Que a maioria das vezes é com negros que sofrem esse tipo de preconceito, que basicamente é sempre formulado sem qualquer conhecimento prévio do assunto tratado. Mais como no vídeo o Wagner Moura diz para Lazaro Ramos usando as palavras "você é negro" como isso fosse algo ruim, como essas palavras fossem usados para rebaixar alguém. E na vida real tem algumas situações chatas como um exemplo um negro andando na rua de madrugada na maioria das vezes os policiais vem isso e já algum ruim que esse negro possa te feito mesmo sem sabe se ele fez alguma coisa ou quem é, os policiais mal sabem disso e os negros já são parados sem motivo nenhum. Eu sendo negro

fico muito chateado vendo isso, e acho que as pessoas podiam em vez de criar suas próprias conclusões sobre uma pessoa primeiro tem conversar conhecer essa pessoa para tirar conclusões, dito tudo isso pra mim mesmo sendo difícil o racismo e qualquer tipo de preconceito tem que acabar. (E24, 2024).

A escrita acima reforça a importância de escutar, conhecer e respeitar o outro antes de julgar, apontando para a urgência de se combater todas as formas de preconceito em busca de uma sociedade mais justa e humana.

O texto a seguir discute o racismo como uma problemática histórica e de alcance global, evidenciando que suas manifestações não se limitam ao contexto brasileiro, mas atravessam diversas sociedades e culturas ao longo do tempo.

O racismo é um grande problema na sociedade, não sendo um problema exclusivo do Brasil apareceu em diversos lugares do mundo, onde sempre vemos cenas como apresentadas no vídeo, uma pessoa branca oprimindo uma pessoa negra, onde na sociedade as pessoas ao verem um negro já ficam com medo de poderem ser roubada um exemplo bem claro sobre isso acontece nos Estados Unidos que ocorre vários casos aonde os policiais já chegam atirando quando é uma pessoa negra sem nem saber se era um criminoso ou não. O racismo desde antigamente é um problema se lembrarmos do Brasil antigamente os negros eram escravos, onde sofriam muito, por diversos motivos dentre esses motivos temos, não poderem seguir sua religião normalmente, quando erravam eram castigados, forçados a trabalhar em serviços pesados e isso tudo por eles serem negro. (E32, 2024).

A menção a casos ocorridos nos Estados Unidos e ao passado escravocrata brasileiro evidencia uma tentativa de contextualizar o racismo estrutural como algo que atravessa o tempo e as fronteiras. A escrita do estudante revela um olhar atento à injustiça racial e reforça a importância de reconhecer e combater esse tipo de violência para que situações como as descritas deixem de se repetir.

O texto a seguir propõe uma reflexão sobre o racismo estrutural, destacando suas origens históricas e sua persistência nas relações sociais contemporâneas. A (o) estudante argumenta que essa forma de preconceito vai além das atitudes individuais, estando profundamente enraizada nas instituições e práticas sociais, afetando negativamente a vida de pessoas negras em diferentes contextos.

O racismo estrutural é originário de um passado marcado por séculos de exploração, escravidão que ainda existe nos dias atuais. Essa forma de discriminação não está somente em atos individuais, mas está enraizada nas próprias estruturas e instituições que governam nossa sociedade é não é problema exclusivo de determinados países, mas sim uma realidade em todo o mundo. Além disso, o racismo estrutural influencia

em várias formas como uma pessoa negra pode enfrentar estereótipos e preconceitos no ambiente de trabalho, por pensar que ela não está classificada [sic] o suficiente para o trabalho e são esperados que trabalhassem em serviços como faxineira, carpinteiro, jardineiro, cozinheira outra forma que o racismo estrutural influencia e sempre que pessoas negras entrem em lojas os seguranças já ficam de olho, ou então muitos policiais matam negros por injustiça apenas olhando a cor de pele como ocorreu uma notícia recente de dois homens brigando um branco e um negro o branco deu uma facada no outro e quem foi preso foi o homem negro, ou seja, o racismo estrutural está no presente e não no passado. Devíamos ter uma sociedade onde a cor da pele não determina o tratamento ou as oportunidades de alguém. (E33, 2024).

Apesar de apresentar limitações na organização das ideias e na construção textual, o texto consegue expor indignação e consciência crítica sobre a injustiça racial ainda presente no cotidiano.

A terceira categoria contempla textos que, embora revelem posicionamentos próprios e tragam contribuições autênticas sobre o tema abordado, apresentam limitações quanto à organização das ideias, à estrutura argumentativa e à coesão textual. Em muitos casos, as ideias são expressas de maneira espontânea e pessoal, mas ainda carecem de clareza, encadeamento lógico e domínio das estratégias discursivas. Essas produções, no entanto, são extremamente significativas, pois demonstram que os estudantes estão engajados em construir sentidos e refletir criticamente, ainda que de forma incipiente, sobre questões sociais relevantes, como o racismo estrutural.

Além disso, esses textos apontam para a importância de práticas pedagógicas que favoreçam o desenvolvimento da argumentação, da reescrita e da revisão textual como parte do processo de aprendizagem da escrita crítica.

A essa terceira categorização deu-se o seguinte título:

C. Textos Originais com Limitações Estruturais.

O texto a seguir aborda o conceito de racismo estrutural, destacando como ele é construído ao longo do tempo e como as práticas discriminatórias se perpetuam muitas vezes de maneira invisível, nas estruturas sociais.

O Racismo Estrutural é um tipo de racismo que é formado e construído por anos e décadas de preconceitos com pessoas negras. Racismo Estrutural pode ser, por exemplo, um favoritismo para que uma pessoa branca, pouco experiente e não competente, obter [sic] a vaga em certo emprego, ao invés de uma pessoa negra experiente e competente. Uma

característica que define muito o Racismo Estrutural, é o fato de que bebês e crianças, não nascem sabendo discriminar outras pessoas, elas aprendem isso vendo e escutando outras pessoas fazendo esse tipo de ato. Qualquer tipo de Racismo é crime, e acima de tudo, todos merecem respeito independentemente de seu tom de pele. (E1, 2024).

A estrutura do texto acima apresenta certa fragilidade na clareza e coesão, o que compromete a fluidez da leitura e a compreensão das ideias. A argumentação precisa ser mais desenvolvida e as ideias melhor elaboradas, de modo a estabelecer uma conexão lógica mais forte entre elas. No entanto, a tentativa de refletir sobre questões sociais, mesmo com as limitações na organização e na profundidade da análise, é um ponto positivo, pois evidencia o esforço em compreender e expressar um tema tão relevante.

No texto a seguir o estudante aborda o tema do racismo estrutural a partir da situação retratada no vídeo que consta no enunciado da atividade proposta:

Após assistir o vídeo e ter tido como base uma aula sobre racismo estrutural, foi possível observar que em uma briga, o homem branco diz ao homem negro diversas vezes que ele é negro (em um tom de voz que mostra afronta) querendo dizer que por causa da cor de sua pele, ele não tinha direitos. Essa questão, está extremamente associada ao racismo estrutural pois, isso é uma coisa que vem passando de tempos em tempos entre as pessoas que fazem com que coisas assim, sejam passadas para seus netos, sobrinhos, família e amigos. Algumas falar do homem que sofre [sic] suas acusações, é para mostrar que independente da cor de pele que uma pessoa tem, ela não é ruim ou direitos menores. Em minha visão, essas últimas falas, estão corretas, pois independentemente de como as pessoas são por fora, todas merecem direitos e reconhecimentos iguais. (E2, 2024).

Embora a estrutura do texto pudesse ser mais desenvolvida para melhor organizar as ideias e fortalecer a argumentação, o autor, demonstra uma reflexão importante sobre como o racismo estrutural ainda persiste nas interações sociais cotidianas, e como é crucial mudar essas mentalidades para garantir a igualdade de direitos para todos.

No texto a seguir o racismo estrutural é apresentado como uma realidade persistente nos dias atuais, destacando a ideia de que, apesar das semelhanças físicas e biológicas entre as pessoas, as diferenças de tratamento com base na cor da pele ainda geram consequências negativas para os indivíduos negros e pardos.

O racismo estrutural está presente até os dias de hoje, fazendo parte do nosso dia a dia, no qual não a sentido em existir, pois nos [sic] brancos negro e pardos, somos as mesma [sic] pessoa, os mesmos órgãos,

comemos da mesma comida, tomamos do mesmo remédio, somos iguais independente da aparência, mais mesmo assim ainda existe o racismo estrutural, e causando com que as pessoas negras tenham menos chances de arrumar o emprego, sempre achar que elas estão fazendo coisas erradas só pela sua cor, sendo mal tratadas [sic] na rua, e isso é prejudicial a quem sofre o racismo. (E3, 2024).

Embora o (a) estudante traga uma análise relevante sobre a persistência do racismo estrutural e seus impactos, o texto apresenta algumas falhas na estruturação das ideias e na correção gramatical, o que limita a clareza da argumentação. A mensagem central, no entanto, é clara e significativa, refletindo um posicionamento genuíno sobre as injustiças sociais.

Abaixo segue mais um texto que apesar da pouca elaboração conseguiu abarcar, de certa forma, o que foi pedido na atividade proposta:

O racismo é tratar a pessoa do jeito diferente por causa da cor da pele, é muito ruim para as pessoas serem tratadas dessa forma e as pessoas ficam tristes com esse comportamento. As pessoas que praticam racismo podem ser presas porque é crime. (E7, 2024).

Apesar de ser um texto curto e com elaboração simples, a produção consegue atender ao que foi proposto na atividade, ao identificar corretamente o racismo como uma forma de discriminação e ao destacar suas consequências emocionais e legais. A fala demonstra uma compreensão básica, mas relevante, sobre o tema, evidenciando o esforço do estudante em participar da reflexão proposta.

O texto abaixo apresenta uma reflexão sobre o racismo estrutural, buscando compreender suas raízes históricas no Brasil e como ele continua a se manifestar na atualidade. A menção ao período colonial destaca uma tentativa de contextualizar o problema dentro de um processo histórico contínuo.

Pra mim racismo estrutural é quando o preconceito e a discriminação racial, estão mas [sic] fixadas numa organização da sociedade, privilegiando uma raça ou etnia. No Brasil o racismo estrutural vem desde o período do colonialismo, desde a chegada dos portugueses ao continente americano. Atualmente o racismo estrutural se manifesta com altos índices de violência. No Brasil tem muito se repetido várias atitudes racistas, muitas pessoas alegarem não serem racistas. (E19, 2024).

Apesar de apresentar limitações na construção de algumas frases e na organização das ideias, o texto revela um esforço válido de identificar o racismo

como um fenômeno persistente e sistemático, destacando tanto sua origem quanto seus efeitos atuais na sociedade brasileira.

No texto abaixo o (a) estudante busca refletir sobre o racismo estrutural como um conjunto de práticas e comportamentos cotidianos que discriminam e desvalorizam pessoas negras.

Quando falamos no racismo estrutural, estamos falando sobre a discriminação de grupos distintos. Isso é o conjunto de falas, atos e práticas que vemos no nosso dia a dia, que acaba promovendo o preconceito e/ou discriminação, ou seja, podendo desvalorizar e acabar restringindo as pessoas que passam por isso, a fazer determinadas coisas. Em consequência disso, no racismo estrutural, as pessoas querem falar de que por exemplo a pessoa branca faz coisas melhores do que os negros ou deveriam fazer ou seja, a pessoa negra pode estar fazendo a mesma coisa que a pessoa branca, mais vão falar que essa pessoa negra pode estar fazendo alguma coisa ruim mesmo não fazendo e/ou "diminuir" o serviço que a pessoa está realizando. Em virtude dos fatos mencionados, podemos dizer que, independentemente se a pessoa tem um tom de pele diferente da outra, se é homem ou mulher, devemos tratar da mesma forma, pois ambos podem desempenhar a mesma função com competência. (E26, 2024).

Apesar de apresentar algumas repetições e certa dificuldade na organização das ideias, o texto demonstra um entendimento consistente sobre o tema proposto, enfatizando a necessidade de igualdade no reconhecimento das capacidades e no tratamento entre pessoas, independentemente da cor da pele.

O próximo texto aborda o racismo estrutural como um problema presente tanto no Brasil quanto em outros países, destacando seus impactos na vida das pessoas negras, como a dificuldade de acesso a oportunidades e os riscos de sofrerem injustiças motivadas por preconceito racial.

O racismo estrutural está presente no país e no mundo, trazendo preconceitos e problemas na sociedade. Esses problemas fazem eles sofrer por o preconceito pela sua cor, gerando o racismo que afeta eles se desenvolver na sociedade e ter oportunidades. No Brasil acontece muitas acusações falsas que faz os negros serem presos, espancados até a morte ou seja, são culpados por "roubar" tais coisas ou crimes falsos que geram isso. Na população muitos negam não serem racistas porém muitos são... Em minha opinião esse racismo estrutural tem que acabar vemos um exemplo no vídeo passado na aula onde um homem fala "Que somos iguais pois tomamos mesmos remédios quando doente, quando corremos o corpo soa" sendo assim iguais então devemos encontrar a solução de abolir esse tipo de racismo. As medidas podem ser tomadas para a abolição do racismo são fazer mais campanhas sobre o tema mostrando que é errado com as consequências e impactos que a sociedade negra sofre com esse preconceito. E minha conclusão sobre o racismo estrutural é que por fim, o racismo estrutural, que é o racismo da própria sociedade. Para Almeida, este é o racismo que possibilita o

racismo institucional. Se há práticas racistas nas instituições, é porque a própria sociedade é racista. (E37, 2024).

Apesar de apresentar limitações na coesão textual e na clareza argumentativa, o texto revela uma reflexão sensível e engajada sobre os efeitos do racismo estrutural. A menção à fala do vídeo trabalhado em aula e à obra de Silvio Almeida evidencia um esforço de articular referências externas à opinião pessoal, o que enriquece a argumentação.

Dos 28 textos analisados, doze foram classificados na categoria - Textos com Indícios de Reprodução Não Autoral - nesses casos, observou-se um alto grau de similaridade entre as produções, o que sugere que os estudantes recorreram às mesmas fontes de informação, resultando em textos com pouca originalidade e ausência de posicionamento crítico próprio.

Na categoria - Textos Originais com Potência Crítica e Engajamento - foram identificados oito textos, os quais se destacaram pela relevância das reflexões apresentadas e pelo envolvimento dos estudantes com a temática proposta. Essas produções demonstraram autonomia, criticidade e uma compreensão mais aprofundada sobre o racismo estrutural, sendo fundamentais para o alcance dos objetivos da atividade.

Em relação à terceira categoria, intitulada - Textos Originais com Limitações Estruturais - sete textos foram analisados. Apesar das dificuldades evidentes na organização das ideias, na argumentação e na coesão textual, esses textos revelaram o esforço autêntico dos estudantes em responder à proposta com base em seus conhecimentos e vivências, sinalizando um importante processo de construção de sentido e participação.

Após a análise dos textos opinativos produzidos pelos estudantes, é possível reconhecer a diversidade de níveis de domínio da escrita, da argumentação e da organização textual. No entanto, todos compartilham uma característica essencial: o esforço genuíno de compreender, refletir e se posicionar diante da temática do racismo estrutural, evidenciando o engajamento com uma problemática social urgente e complexa.

Os textos apresentados têm como finalidade exemplificar a forma como os estudantes responderam à atividade proposta em sala de aula. É possível observar que, embora todos tenham abordado o tema central, as respostas variaram significativamente quanto à profundidade da análise, clareza na argumentação e

riqueza de detalhes. Algumas produções demonstram um maior domínio do conteúdo, apresentando reflexões mais estruturadas e completas, enquanto outras se destacam pela objetividade e concisão. Essa diversidade de respostas evidencia não apenas os diferentes níveis de compreensão e elaboração textual entre os alunos, mas também revela distintas formas de interpretar e expressar o conhecimento adquirido. Dessa forma, os exemplos aqui reunidos contribuem para uma melhor compreensão das percepções individuais e coletivas dos estudantes diante da temática trabalhada, além de refletirem a pluralidade de vozes presente no ambiente educacional.

Mesmo diante de limitações estruturais, como dificuldades na coesão e coerência, vocabulário ainda restrito e argumentações por vezes pouco aprofundadas, essas produções possuem grande valor formativo. Elas revelam não apenas os desafios enfrentados no processo de aprendizagem da escrita crítica, mas também indicam um caminho promissor no desenvolvimento do pensamento autônomo e da consciência cidadã dos estudantes.

As vozes juvenis, ainda em construção, expressam percepções relevantes sobre as desigualdades raciais e demonstram sensibilidade ao analisar contextos de discriminação e exclusão. Dessa forma, esses textos não devem ser apenas avaliados quanto à forma, mas, sobretudo reconhecidos como registros importantes de um processo educativo que busca formar sujeitos críticos, empáticos e comprometidos com a transformação social.

Os resultados observados indicaram um significativo engajamento dos estudantes nas discussões propostas, além de uma conscientização mais apurada sobre as questões raciais e sociais debatidas. A participação ativa dos alunos nas atividades de reflexão e na elaboração de textos opinativos evidenciou o sucesso da abordagem pedagógica adotada.

Incentivar essas produções e oferecer espaços seguros para que jovens possam escrever, refletir e argumentar sobre temas complexos como o racismo estrutural é parte fundamental de uma prática pedagógica democrática e antirracista.

Para o residente, essa experiência foi um marco no processo de formação docente, proporcionando um crescimento pessoal e profissional considerável. Ela contribuiu para o fortalecimento da segurança e autonomia necessárias para a condução das aulas, essenciais para o exercício da profissão de forma eficaz. A experiência vivenciada durante as regências possibilitou a aplicação direta dos

conhecimentos teóricos adquiridos no curso de licenciatura à prática pedagógica em sala de aula, proporcionando o desenvolvimento de habilidades essenciais para a formação docente, como o planejamento didático, a mediação de conflitos e o estímulo ao pensamento crítico dos estudantes.

A interação com os alunos e o desafio de criar estratégias para promover a reflexão sobre temas complexos, como o racismo estrutural, tornaram-se oportunidades para a formação de um docente mais preparado para atuar em contextos de diversidade e de desigualdade social.

Essa vivência proporcionou, também, uma reflexão aprofundada sobre o papel do professor como agente de transformação social. A experiência na sala de aula destacou a relevância da educação histórica na formação de cidadãos conscientes e críticos, capazes de compreender e atuar sobre as desigualdades que permeiam a sociedade. Nesse sentido, foi possível observar como a história, quando ensinada de forma crítica, pode atuar como um instrumento de emancipação e de promoção da igualdade.

Conclui-se, portanto, que a Residência Pedagógica se configura como um instrumento indispensável para a integração entre teoria e prática na formação acadêmica dos futuros docentes. Essa experiência possibilita uma formação crítica, contextualizada e dinâmica, preparando o licenciando para os desafios e demandas do ambiente escolar, proporcionando-lhe um preparo mais completo e robusto para a carreira docente.

CONSIDERAÇÕES

Este trabalho buscou discutir a importância da Educação Antirracista no Ensino Fundamental, analisando suas reflexões teóricas e sua aplicação prática no contexto escolar. A partir da investigação desenvolvida ao longo dos capítulos, foi possível compreender como o racismo estrutural se manifesta na sociedade e na educação, bem como a relevância de práticas pedagógicas que promovam a equidade racial.

No capítulo Conceituando o Racismo Estrutural, foram exploradas as bases teóricas que sustentam a compreensão do racismo como um fenômeno sistêmico, arraigado nas estruturas sociais, políticas e educacionais. A partir dos autores citados, verificou-se que o racismo não se restringe a atitudes individuais, mas se perpetua por meio de mecanismos institucionais que mantêm desigualdades históricas. Essa análise foi essencial para embasar a necessidade de uma abordagem educacional comprometida com a desconstrução dessas barreiras.

O capítulo Levantamento Bibliográfico sobre a Educação Antirracista aprofundou o debate sobre a implementação de práticas pedagógicas voltadas à superação do racismo no ambiente escolar. A partir das contribuições dos (as) pesquisadores (as) citadas, foram analisadas estratégias e abordagens que possibilitam a construção de um ensino mais inclusivo e representativo. O estudo revelou que a educação antirracista não deve ser tratada como um tema pontual, mas sim incorporada de maneira contínua e transversal ao currículo escolar.

Na sequência, o capítulo Educação Antirracista no Ensino Fundamental: Reflexões e Perspectivas discutiram os desafios e as possibilidades da aplicação desses conceitos no cotidiano escolar. A partir da análise bibliográfica, demonstrou que a ausência de uma formação específica para professores e a resistência de alguns setores da sociedade, são entraves à efetivação de uma prática educacional verdadeiramente antirracista. No entanto, também se evidenciou que o desenvolvimento de metodologias ativas, como debates, produção de textos opinativos e uso de materiais audiovisuais, pode ampliar a participação dos alunos e fortalecer sua consciência crítica.

Por fim, no capítulo Experiências e Práticas Pedagógicas na Residência em História (ESEBA/UFU), foi possível refletir sobre a aplicação prática dessas estratégias em sala de aula. Durante a residência pedagógica, a implementação de

atividades voltadas à discussão do racismo e das desigualdades raciais proporcionou um alto grau de engajamento dos estudantes, demonstrando o impacto positivo de um ensino historicamente contextualizado e crítico. A análise das respostas dos alunos revelou que, quando incentivados a refletir sobre essas questões, eles conseguem identificar situações de discriminação em seu cotidiano e compreender a importância da luta por equidade racial.

A reflexão construída a partir da prática pedagógica sobre o racismo estrutural permitiu não apenas ampliar a compreensão dos estudantes sobre a temática, mas também revelar como essa forma de discriminação está presente em situações cotidianas, muitas vezes de maneira naturalizada e invisibilizada. Ao propor que os alunos se posicionassem por meio da escrita, convidando-os a expressar suas opiniões, percepções e vivências, a atividade possibilitou um espaço significativo de escuta, de expressão pessoal e de construção crítica do conhecimento.

A experiência demonstrou que muitos estudantes reconhecem a existência do racismo em suas diversas formas — desde atitudes explícitas até aquelas institucionalizadas — e conseguem relacionar esse fenômeno à sua realidade social. Outros ainda revelaram dificuldades em aprofundar seus argumentos, o que indica a necessidade de continuar desenvolvendo práticas pedagógicas que favoreçam o pensamento crítico, o domínio da linguagem argumentativa e o enfrentamento das desigualdades sociais.

Dessa forma, apreende-se que o trabalho com temas sensíveis e estruturais, como o racismo, quando feita de forma dialógica e contextualizada, contribui para a formação cidadã e para o desenvolvimento de habilidades socioemocionais importantes, como a empatia, o respeito às diferenças e o senso de justiça. A experiência evidenciou que a escola tem papel fundamental na desconstrução de preconceitos e na promoção de uma educação comprometida com os direitos humanos e com a transformação social.

Sendo assim, este trabalho reafirma que a educação antirracista no Ensino Fundamental não é apenas uma necessidade, mas uma responsabilidade de toda a comunidade escolar. Para que essa transformação ocorra de maneira efetiva, é fundamental que os professores recebam formação adequada e que as escolas adotem abordagens que promovam o respeito à diversidade e o combate ao racismo estrutural.

Nesse sentido, a formação continuada de professores desempenha um papel central, pois permite a atualização constante de saberes e práticas pedagógicas, além de possibilitar a reflexão crítica sobre o papel da escola na reprodução ou enfrentamento das desigualdades raciais. É por meio de processos formativos contínuos, coletivos e interdisciplinares que os educadores podem desenvolver competências para identificar e desconstruir discursos e atitudes racistas no ambiente escolar, incorporando em suas práticas o compromisso com a equidade racial. A efetividade de uma educação antirracista, portanto, depende não apenas da inclusão de conteúdos que valorizem as identidades negras e indígenas, mas também da capacitação dos profissionais da educação para atuarem como agentes transformadores, comprometidos com uma pedagogia crítica e emancipatória.

Conclui-se, portanto, que a implementação de práticas pedagógicas antirracistas constitui um caminho imprescindível para a construção de uma sociedade verdadeiramente justa, democrática e igualitária. Tais práticas promovem a valorização das identidades negras e de outros grupos historicamente marginalizados, contribuindo de forma significativa para a desconstrução de estereótipos, preconceitos e estruturas de exclusão presentes no cotidiano escolar. Ao assegurar uma educação comprometida com a equidade racial, garante-se que os sujeitos tenham suas identidades reconhecidas e suas trajetórias históricas valorizadas no ambiente educacional. Nesse sentido, a escola assume um papel fundamental como espaço de resistência, diálogo e transformação, indo além da mera transmissão de conteúdos para se afirmar como promotora de justiça social.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BARBOSA, Cibele. CASA GRANDE & SENZALA A questão racial e o “colonialismo esclarecido” na França do Pós-Segunda Guerra Mundial. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 33, n. 96, 2018.

BARBOSA, Raquel Rodrigues DA S.; SILVA, Cristiane Souza Da.; SOUSA, Arthur Alves Pereira. Vozes que ecoam: racismo, violência e saúde da população negra. **Revista Katálysis**, v. 24, n. 2, p. 353–363, maio 2021.

BATISTA, Waleska Miguel. A inferiorização dos negros a partir do racismo estrutural. **Revista Direito e Práxis**, v. 9, n. 4, p. 2581–2589, out. 2018.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 10 jan. 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 10 de fevereiro de 2025.

CRUZ, Rosemary. **EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA E A PRÁTICA DOCENTE: um olhar a partir da escrivência e para as práticas das professoras da Escola M.E.F. Maria das Neves Lins (Bayeux-PB)**. 37f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia). UFPB - João Pessoa, 2022.

DIAS, Leonardo Alves. A divisão racial do trabalho como um ordenamento do racismo estrutural. **Revista Katálysis**, v. 25, n. 2, p. 212–221, maio 2022.

DOMINGUES, Petrônio. O recinto sagrado: educação e antirracismo no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**, v. 39, n. 138, p. 963–994, set. 2009.

FERNANDES, Florestan. **O Negro no Mundo dos Brancos**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1972.

FRANCISCO JUNIOR, Wilmo Ernesto. Educação antirracista: reflexões e contribuições possíveis do ensino de ciências e de alguns pensadores. **Ciência & Educação (Bauru)**, v. 14, n. 3, p. 397–416, 2008.

GOMES, Nilma Lino. O combate ao racismo e a descolonização das práticas educativas e acadêmicas. **Rev. Filos.**, Aurora, Curitiba, v. 33, n. 59, p. 435-454, mai./ago. 2021

GONZALEZ, Lélia. **A categoria político-cultural de amefricanidade**. In: Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, Nº. 92/93 (jan./jun.). 1988b, p. 69-82.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 10 de Dezembro de 2024.

MORAES, Rafaela Ramos de. **Trilhos da Alfabetização: por uma educação antirracista** (Maranhão) / FGV DPGE. - Rio de Janeiro: FGV Editora, 2021.

NASCIMENTO, Abdias do. **O GENOCÍDIO DO NEGRO BRASILEIRO: Processo de um Racismo Mascarado**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1978.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de. Educação antirracista: tensões e desafios para o ensino de sociologia. **Educação & Realidade**, v. 39, n. 1, p. 81–98, 2014. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/edreal/a/fBVxRfkk5pqpzxLqr5RcNxp/>>. Acesso em 11 de Março de 2025.

SANTOS, Fátima Santana. Por uma educação antirracista para nossas crianças. In: *Leia-me negras: insurgências afroafetivas na prática pedagógica* [online]. Ilhéus: **EDITUS**, 2022, pp. 85-153. Transfluência series. ISBN: 978-65 86213-97-3. <https://doi.org/10.7476/9788574555485>.

SANTOS, Marluse Arapiraca dos. **Representação de Gênero e Raça no Ensino Fundamental: A construção da Identidade do ser “Menina Negra” e do ser “Menino Negro”**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado da Bahia, 2009.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Educação das Relações Étnico-Raciais nas instituições escolares. **Educar em Revista**, v. 34, n. 69, p. 123–150, maio 2018.

SILVA, Ana Tereza Reis da; ALMEIDA, Bárbara Ribeiro Dourado Pias de; LIMA, Lurian José Reis da Silva. AVANÇOS E DESAFIOS NA IMPLEMENTAÇÃO DA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NO BRASIL. **SciELO Preprints**, 2023. DOI: 10.1590/SciELOPreprints.6830. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/6830>. Acesso em: 11 set. 2024.

VALENTE, Gabriela; DANTAS, Adriana Santiago Rosa. PRÁTICAS DOCENTES E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: REFLEXOS DA SOCIEDADE BRASILEIRA. **Cadernos de Pesquisa**, v. 51, p. e07327, 2021.

APÊNDICE A – RESPOSTAS DOS ESTUDANTES

O racismo estrutural não é o racismo individual, como alguém que é racista por si só, é aquele racismo que está impregnado na sociedade desde tempos antigos, as vezes até de forma escondida. Antes da lei áurea ser assinada, o racismo era muito forte, tratando pessoas negras de forma desumana, mas mesmo depois da assinatura o racismo se fez presente até os dias atuais. Antigamente, tudo era separado para negros e brancos, como restaurantes, clubes e até mesmo calçadas, isso melhorou, mas não faz tanto tempo assim, sabendo que o Brasil foi o último país do ocidente a abolir a escravidão. Nós dias de hoje ainda vemos casos de racismo como algo "normal" e nem reparamos que é racismo as vezes, como a desconfiança que é maior quando um negro entra em uma loja de grife do que quando um branco entra. Outro exemplo é quando os policiais levam um negro até a delegacia sendo que ele foi a vítima e não o causador do problema. O racismo é algo que sempre vai existir na sociedade, querendo ou não, pois sempre existirão aquelas pessoas que julgam o outro com base na cor da pele, e isso se devem graças aos nossos antepassados que criaram teorias e ideias de que negros seriam uma "raça" inferior aos brancos.

Racismo estrutural é quando o preconceito e a discriminação racial estão consolidados na organização da sociedade, privilegiando determinada raça ou etnia em detrimento de outra

Mais do que se conectar simplesmente ao crime de racismo, diz respeito ao funcionamento da sociedade como um todo direcionados a alguém tendo em conta sua origem étnico-racial, geralmente se refere à ideologia de que existe uma raça melhor que outra as causas do racismo estrutural no Brasil vêm de um processo histórico, remontando ao colonialismo e à dominação iniciadas no século 16 desde a chegada dos portugueses ao continente americano, índios e negros, por serem considerados inferiores pelos brancos, foram escravizados e impostos à cultura europeia meso com o passar do tempo os foram criadas diversas formas de excluir os negros da sociedade sendo que eles também são seres humanos usam as mesmas roupas consomem a mesma comida e bebem a mesma água mas ainda sofrem com a desigualdade no Brasil

O racismo estrutural no Brasil é o conjunto de práticas, falas, e hábitos presentes no dia a dia da nossa sociedade que faz mesmo sem intenção ou preconceito mas racismo estrutural no Brasil frente desde muito tempo remontando ao colonialismo que foram iniciadas mais ou menos no século 16 desde a chegada dos portugueses no Brasil os índios e os negros são desprezados pelos brancos e são escravizados.

Racismo estrutural é um termo usado para reforçar o fato de que existem sociedades que com base na discriminação privilegia algumas raças. Ele estrutura a sociedade a partir da desvalorização e restrição de oportunidades para as pessoas negras. A ausência deles em cargos de liderança nas maiores empresas do país mostra que o racismo estrutural atua de diversas maneiras e camadas.

Podemos usar como exemplo que está sendo muito falado na internet o que aconteceu no BBB 24 que no início da noite de terça-feira dia 12 a cantora Wanessa Camargo publicou um vídeo no

O racismo estrutural refere-se a um sistema em que as políticas públicas, as práticas institucionais, os padrões culturais e a tomada de decisões socialmente aceitas perpetuam desigualdades raciais. Diferente do racismo individual, que pode ser atribuído a atos discriminatórios de uma pessoa, o racismo estrutural é incorporado dentro das fundações de uma sociedade, afetando coletivamente os membros de grupos raciais desfavorecidos.

Essas desigualdades se manifestam em vários lugares, incluindo, acesso desigual a educação de qualidade, moradia, emprego, assistência médica e justiça. O racismo estrutural é muitas vezes "invisível" para aqueles que se beneficiam dele e requer uma análise crítica e ações intencionais para ser desmantelado. Conscientização, educação e reformas políticas são passos fundamentais para combater essa forma de racismo e construir uma sociedade mais justa e igualitária.

O racismo estrutural é uma realidade que infelizmente existe até hoje que permeia todas as instituições e aspectos da sociedade, perpetuando injustiças e desigualdades há séculos. Defender a abolição do racismo estrutural é essencial para construir uma sociedade verdadeiramente justa e igualitária. Não basta apenas reconhecer sua existência; é necessário agir de maneira decisiva para desmantelar as estruturas que o sustentam. Isso inclui reformas políticas, programas educacionais e econômicos, e uma mudança cultural profunda. Enquanto o racismo estrutural persistir, não podemos alcançar nosso pleno potencial como sociedade. É hora de enfrentar essa injustiça de frente e trabalhar incansavelmente para criar um mundo onde todas as pessoas sejam valorizadas e tratadas com dignidade e respeito, independentemente da cor da pele.

racismo estrutural, existente no Brasil, é uma realidade que influencia todos os aspectos da sociedade e determina as oportunidades e a qualidade de vida de milhões de brasileiros. Desde o período da escravidão, as leis foram feitas de modo que afetava as desigualdades de base racial, levando as partes a diferenças sociais e econômicas significativas. Isso, por sua vez, reflete-se nos sistemas de educação, mercado de trabalho e justiça, com as pessoas negras e pardas continuando a enfrentar barreiras estruturais e discriminação. Para lutar contra isso, medidas integradas que envolvam políticas de igualdade racial e conscientização antirracista são necessárias.

o racismo estrutural é aquele que está presente na estrutura. O Brasil foi um país construído a partir da exploração de pessoas negras, isso impactou na visão do negro na sociedade brasileira, isso foi dado a partir do olhar eurocêntrico. Com base nessa perspectiva das teorias raciais para legitimar a desumanização e inferioridade dos corpos negros, sendo assim o racismo foi se estruturando e se fazendo presente em nossa sociedade

Racismo é uma forma de discriminação e preconceito baseado na raça de uma pessoa.

O racismo estrutural é quando o preconceito e a discriminação racial estão consolidadas na organização da sociedade.

Racismo estrutural segundo Silvio Almeida, autor do livro "Racismo Estrutural", explica que este fenômeno constitui a estrutura da sociedade, o que inclui as relações políticas, jurídicas e econômicas.

Além disso, o racismo estrutural se manifesta na criminalização seletiva e no tratamento desigual pelo sistema de justiça criminal.

Outro aspecto crucial do racismo estrutural, é sua interconexão com outras formas de opressão, como homofobia e xenofobia.

Para combater o racismo estrutural, é imperativo reconhecer a sua existência e entender suas manifestações. Exige uma abordagem colaborativa que desmantelo as estruturas de poder que perpetuam a desigualdade racial e promova a justiça social e a igualdade de oportunidades para todos.

Somente através de um compromisso coletivo com a equidade e a inclusão podemos esperar construir uma sociedade verdadeiramente justa e igualitária para as gerações futuras.

Racismo Estrutural

O racismo estrutural é uma realidade que permeia nossa sociedade, moldando relações, oportunidades e destinos, limitando o que você pode ou não fazer de acordo com sua pele. Ele não se limita a atitudes individuais, mas está profundamente enraizado na sociedade que vivemos, pois desde muitos anos os negros foram vistos como uma raça inferior se assemelhado a macacos. Hoje em dia isso deveria ter acabado, porém isso foi profundamente enraizado na política, cultura, sociedade, até mesmo na área de trabalho, as vezes você pode ser reprovado no emprego apenas por ser negro.

O Racismo Estrutural é um ato discriminatório, institucional, cultural e histórico cometido por uma parte da sociedade privilegiada. Esse termo existe devido a forma que a sociedade foi estruturada ou seja, pessoas com o tom de pele branco foram privilegiadas ganhando poder para poderem desprivilegiar pessoas com o tom de pele parda ou negra. E isso é um problema mundial mas no Brasil é algo mais grave, e é ruim pensar que o Brasil que foi um país colonizado com diferentes pessoas de cores, etnias, e culturas diferentes, está na posição de um dos países mais racistas do mundo. O Racismo pode ser observado de diferentes formas como por exemplo, os negros são vítimas em 75% dos casos policiais no Brasil, 64% de pretos e pardos são desempregados, 66% são subutilizados, a ausência de crianças negras em escolas é enorme, utilização de palavras pejorativamente usadas com base em pessoas negras. Bom o racismo é algo que é preocupante para o Brasil e não só pela imagem do país mais sim pelas vidas das pessoas que sofrem todos os dias nas ruas por causa de preconceitos e de violência.

O racismo estrutural possui esse nome pois ele é algo que vai se construindo no nosso dia a dia de tempos em tempos.

Por exemplo, algumas pessoas que não tem conhecimento sobre o assunto, ou algumas pessoas que aprendem a prática do racismo mais novas são muito fáceis de serem influenciadas pelos outros, alguns pela própria família, outros pelos professores ou pela escola em geral, alguns por mídias digitais como redes sociais ou algum produtor de vídeos que a pessoa assiste, alguns filmes, alguns amigos, etc.

Em meio a maioria de grupos de amigos, na maioria das vezes os mais jovens, praticam o racismo através de apelidos aos colegas, de vez em quando de uma forma inocente e que não magoa o amigo (mas não deixa de ser racismo), mas também pode ocorrer o bullying, que com certeza magoa quem sofre com isso. Algumas crianças começam a receber pensamentos racistas por serem completamente influenciados por mais velhos, como por exemplo, antigamente era comum utilizar-se expressões racistas no dia a dia como se fosse normal, e algumas pessoas mais velhas ainda não abandonaram essa prática racista, e uma criança que aprende isso é mais fácil de ela desenvolver pensamentos piores.

O Racismo Estrutural é uma realidade complexa e “enraizada” que se construiu na sociedade desde tempos antigos, ele se manifesta de maneira sutil e muitas vezes de formas imperceptíveis. Se trata de um conjunto de práticas, normas e valores enraizados na sociedade e nas relações sociais, que fixam a desigualdade com base na cor de pele da pessoa. Esse tipo de racismo vai além de atitudes individuais discriminatórias, ele está presente nas estruturas políticas, econômicas, educacionais e culturais, moldando ou até mesmo “ditando” as oportunidades e os direitos das pessoas com base em sua cor de pele.

O Racismo Estrutural é invisível para muitos, mas seus efeitos para as minorias étnicas e raciais são: limitação de possibilidades de acesso a empregos de qualidade, saúde, educação, bem-estar, segurança e entre outros. Uma pessoa branca sofre das mesmas coisas que uma pessoa negra, então por que toda essa discriminação com a pessoa por ter a cor de pele diferente da sua?

O vídeo assistido faz nos refletir muitas coisas ao se tratar do racismo estrutural. É triste pensar que discriminar, violentar e desrespeitar um corpo negro é normalizado dentro da nossa sociedade, é como se ser branco fosse uma coisa rara e merece ter o direito de tratar uma pessoa negra de tal forma.

Estávamos estudando sobre a desigualdade de gênero do homem e da mulher em língua portuguesa, o quanto isso é algo sério e presente ainda na nossa sociedade e é possível relacionar esse tipo de desigualdade de gênero com a desigualdade de raça, pois são duas coisas que principalmente no passado era algo completamente normal; não dar os direitos básicos as mulheres e aos negros; não dar a liberdade de vida á eles, desmerecê-los por serem quem são como se todos não fôssemos de uma única espécie humana ou como se fosse animais domésticos e isso é um ABSURDO, essa minoria de pessoas são as mais presentes na população mundial e ainda lutam contra o mínimo, que é ser respeitado.

Precisamos fazer a nossa parte e até mesmo ajudá-los a combater esse racismo, não é brincadeira esse tipo de atitude, é crime.

O Racismo Estrutural é uma forma de racismo que foi construída com o tempo e com o passar de épocas. Essa forma de racismo, infelizmente ainda é muito presente na vida de muitas pessoas, podendo as vezes chegar a estar presente na vida dos outros sem que as pessoas nem saibam.

Um exemplo de Racismo Estrutural que acontece muito nos dias atuais, seria, uma senhora negra entra em uma loja de roupas e observa produtos, mas ela decide sair da loja sem adquirir produto algum, pois não gostou dos produtos, na hora em que está de saída, o segurança a barra na porta pedindo pra que ela abra sua bolsa para que seja revistada. Esse tipo de exemplo não aconteceria se a mulher fosse branca, pois as pessoas associam o tom de pele negra com o fato de ser ladrão ou bandido.

Existiram e existem leis em que a discriminação com as pessoas negras era evidente. O Brasil é o país mais miscigenado do mundo, mas mesmo assim, foi o último a assinar a lei de libertação dos escravos. Mesmo com a criação dessa lei, os escravos não tinham leis protetoras, significando que se largasse a escravidão, não teriam terras, animais, nem formas de trabalho, pois os brancos não queriam pagar salário para as pessoas que a pouco tempo atrás eles podiam

Uma preta que sabia demais

Preto sempre vira alvo de piada, mas não vira por ser engraçado ou fazer algo de fazer rir, não... é sempre de ser apenas preto.

Seja preto, seja pardo, você vira motivo de fazer rir, motivo de se ter raiva, motivo de ser violentado constantemente, seja com palavras ou ter o corpo com cicatrizes feitas pela fúria dos brancos que te considera doença, algo que ninguém quer ver por perto.

Essa é só a história de mais uma preta, que era marcada por essa mesma coisa, que víamos a ser marcada por estas mesmas cicatrizes, tinha uma pele escura e cabelos negros e crespos, vestia um vestidinho feito de retalhos, seu nome era Amara.

Amara perdeu seus pais quando era muito nova, três anos apenas, e tinha sido adotada por uma família de brancos rica, que adorava torturar esta pobre garota todos os dias, o patrão era um senhor de respeito na pequena vila de Taperoá, tinha uma fazenda enorme que ocupava uma extensão territorial grande só para seu gado. Era criador de gado, ganhava muito dinheiro com sua criação, pagava pouco para milhões de empregados que estavam sempre dispostos a fazer o trabalho duro na fazenda, - estou do jeito que vês agora, obrigado-.

O racismo estrutural é uma discriminação enraizada na sociedade desde de os tempos antigos, em que algumas raças são privilegiadas. esse privilégios estão presentes em tudo como, escolas, sistemas de justiça, trabalho e etc. Mesmo que pareça que as regras seja iguais para todos elas beneficiam apenas um grupo de pessoas específicos de pessoas. Esse tipo de racismo por incrível que pareça não ficou no passado e muitas pessoas ainda sofrem com isso e fazem esse racismo, pessoas hoje em dia ainda acham que as pessoas por serem de outra raça são menos evoluídas, coisa que não e verdade.

E preciso mudar isso, para uma sociedade mais "evoluída" não podemos continuar algo tão besta, a raça de uma pessoa não diz nada sobre ela, precisamos trabalhar junto como uma sociedade para combater o racismo e criar uma sociedade justa e igual para todos.

O Racismo Estrutural é algo colocado na sociedade a tempos, onde por exemplo fazer piadas racistas se torna algo "comum". Na aula foi apresentado um vídeo de entrevista de emprego, onde foi mostrado imagens aos candidatos, imagens essas que eram as mesmas, só que, com pessoas negras e pessoas brancas. Vou usar o exemplo do moço que estava cuidando do jardim da casa, na primeira imagem era um homem branco e todos os candidatos falaram "ele está cuidando do próprio jardim", e na vez do homem negro falaram "ele é um jardineiro". Então o racismo estrutural é basicamente você falar que os negros são inferiores aos brancos e que qualquer serviço de baixa remuneração e que é mal visto pela sociedade como ser gari é um trabalho para negros.

O racismo é um grande problema na sociedade, não sendo um problema exclusivo do Brasil apareceu em diversos lugares do mundo, onde sempre vemos cenas como apresentadas no vídeo, uma pessoa branca oprimindo uma pessoa negra, onde na sociedade as pessoas ao verem um negro já ficam com medo de poderem ser roubada um exemplo bem claro sobre isso acontece nos Estados Unidos que ocorre vários casos onde os policiais já chegam atirando quando é uma pessoa negra sem nem saber se era um criminoso ou não.

O racismo desde antigamente é um problema se lembrarmos do Brasil antigamente os negros eram escravos, onde sofriram muito, por diversos motivos dentre esses motivos temos, não poderem seguir sua religião normalmente, quando erravam eram castigados, forçados a trabalhar em serviços pesados e isso tudo por eles serem negro.

Na minha opinião o racismo estrutural é uma forma de preconceito que inclui sua etnia ou cor. Que a maioria das vezes é com negros que sofrem esse tipo de preconceito, que basicamente é sempre formulado sem qualquer conhecimento prévio do assunto tratado.

Mais como no vídeo o Wagner Moura diz para Lazaro Ramos usando as palavras "você é negro" como isso fosse algo ruim, como essas palavras fossem usados para rebaixar alguém.

E na vida real tem algumas situações chatas como um exemplo um negro andando na rua de madrugada na maioria das vezes os policiais vem isso e já algum ruim que esse negro possa ter feito mesmo sem saber se ele fez alguma coisa ou quem é, os policiais mal sabem disso e os negros já são parados sem motivo nenhum.

Eu sendo negro fico muito chateado vendo isso, e acho que as pessoas podiam em vez de criar suas próprias conclusões sobre uma pessoa primeiro tem conversar conhecer essa pessoa para tirar conclusões, dito tudo isso pra mim mesmo sendo difícil o racismo e qualquer tipo de preconceito tem que acabar.

O racismo estrutural é originário de um passado marcado por séculos de exploração, escravidão que ainda existe nos dias atuais. Essa forma de discriminação não está somente em atos individuais mas está enraizada nas próprias estruturas e instituições que governam nossa sociedade é não é problema exclusivo de determinados países, mas sim uma realidade em todo o mundo. Além disso o racismo estrutural influencia em várias formas como uma pessoa negra pode enfrentar estereótipos e preconceitos no ambiente de trabalho, por pensar que ela não está classificada o suficiente para o trabalho e são esperados que trabalhem em serviços como faxineira, carpinteiro, jardineiro, cozinheira outra forma que o racismo estrutural influencia é sempre que pessoas negras entre em lojas os seguranças já ficam de olho, ou então muitos policiais matam negros por injustiça apenas olhando a cor de pele como ocorreu uma notícia recente de dois homens brigando um branco e um negro o branco deu uma facada no outro e quem foi preso foi o homem negro ou seja o racismo estrutural está no presente e não no passado. Devíamos ter uma sociedade onde a cor da pele não determina o tratamento ou as oportunidades de alguém.

O Racismo Estrutural é um tipo de racismo que é formado e construído por anos e décadas de preconceitos com pessoas negras. Racismo Estrutural pode ser, por exemplo, um favoritismo para que uma pessoa branca, pouco experiente e não competente, obter a vaga em certo emprego, ao invés de uma pessoa negra experiente e competente.

Uma característica que define muito o Racismo Estrutural, é o fato de que bebês e crianças, não nascem sabendo discriminar outras pessoas, elas aprendem isso vendo e escutando outras pessoas fazendo esse tipo de ato. Qualquer tipo de Racismo é crime, e acima de tudo, todos merecem respeito independentemente de seu tom de pele.

O racismo estrutural está presente até os dias de hoje, fazendo parte do nosso dia a dia, no qual não a sentido em existir, pois nos brancos negro e pardos, somos as mesma pessoa, os mesmos órgãos, comemos da mesma comida, tomamos do mesmo remédio, somos iguais independente da aparência, mais mesmo assim ainda existe o racismo estrutural, e causando com que as pessoas negras tenham menos chances de arrumar o emprego, sempre achar que elas estão fazendo coisas erradas só pela sua cor, sendo mal tratadas na rua, e isso e prejudicial a quem sofre o racismo.

Quando falamos no racismo estrutural, estamos falando sobre a discriminação de grupos distintos. Isso é o conjunto de falas, atos e práticas que vemos no nosso dia a dia, que acaba promovendo o preconceito e/ou discriminação, ou seja, podendo desvalorizar e acabar restringindo as pessoas que passam por isso, a fazer determinadas coisas.

Em consequência disso, no racismo estrutural, as pessoas querem falar de que por exemplo a pessoa branca faz coisas melhores do que os negros ou deveriam fazer ou seja, a pessoa negra pode estra fazendo a mesma coisa que a pessoa branca, mais vão falar que essa pessoa negra pode estar fazendo alguma coisa ruim mesmo não fazendo e/ou "diminuir" o serviço que a pessoa está realizando.

Em virtude dos fatos mencionados, podemos dizer que, independentemente se a pessoa tem um tom de pele diferente da outra, se é homem ou mulher, devemos tratar da mesma forma, pois ambos podem desempenhar a mesma função com competência.

Após assistir o vídeo e ter tido como base uma aula sobre racismo estrutural, foi possível observar que em uma briga, o homem branco diz ao homem negro diversas vezes que ele é negro (em um tom de voz que mostra afronto) querendo dizer que por causa da cor de sua pele, ele não tinha direitos. Essa questão, está extremamente associada ao racismo estrutural pois, isso é uma coisa que vem passando de tempos em tempos entre as pessoas que fazem com que coisas assim, sejam passadas para seus netos, sobrinhos, família e amigos. Algumas falar do homem que sofreue suas acusações, é para mostrar que independente da cor de pele que uma pessoa tem, ela não é ruim ou direitos menores.

Em minha visão, essas últimas falas, estão corretas, pois independentemente de como as pessoas são por fora, todas merecem direitos e reconhecimentos iguais.

O racismo é tratar a pessoa do jeito diferente por causa da cor da pele, é muito ruim para as pessoas serem tratadas dessa forma e as pessoas ficam tristes com esse comportamento. As pessoas que praticam racismo, podem ser presas porque é crime.

Pra mim racismo estrutural é quando o preconceito e a discriminação racial,estão mas fixadas numa organização da sociedade,privilegiando uma raça ou etnia.No Brasil o racismo estrutural vem desde o período do colonialismo,desde a chegada dos portugueses ao continente americano. Atualmente o racismo estrutural se manifesta com altos índices de violência. No Brasil tem muito se repetido várias atitudes racistas,muitas pessoas alegarem não serem racistas.

O racismo estrutural está presente no país e no mundo, trazendo preconceitos e problemas na sociedade. Esses problemas fazem eles sofrer por o preconceito pela sua cor, gerando o racismo que afeta eles se desenvolver na sociedade e ter oportunidades.

No Brasil acontece muitas acusações falsas que faz os negros serem presos, espancados até a morte ou seja, são culpados por "roubar" tais coisas ou crimes falsos que geram isso. Na população muitos negam não serem racistas porém muitos são...

Em minha opinião esse racismo estrutural tem que acabar vemos um exemplo no vídeo passado na aula onde um homem fala "Que somos iguais pois tomamos mesmos remédios quando doente, quando corremos o corpo soa" sendo assim iguais então devemos encontrar a solução de abolir esse tipo de racismo. As medidas podem ser tomadas para a abolição do racismo são fazer mais campanhas sobre o tema mostrando que é errado com as consequências e impactos que a sociedade negra sofre com esse preconceito.

E minha conclusão sobre o racismo estrutural é que por fim, o racismo estrutural, que é o racismo da própria sociedade. Para Almeida, este é o racismo que possibilita o racismo institucional. Se há práticas racistas nas instituições, é porque a própria sociedade é

APÊNDICE B – PLANO DE AULA DAS REGÊNCIAS

PLANO DE AULA

RESIDENTE

Carlos André Delmiro

1. TEMA

Racismo Estrutural

2. DURAÇÃO

Duzentos e Cinquenta Minutos

3. TURMA

9º ano do Ensino Fundamental

4. OBJETIVOS

4.1 Objetivo Geral:

- Compreender o conceito de racismo estrutural e suas raízes históricas.

4.2 Objetivos Específicos:

- ☐ Refletir sobre como o racismo se manifesta nas instituições e no cotidiano;
- ☐ Estimular o pensamento crítico, o respeito às diversidades e a empatia;
- ☐ Promover produções textuais que expressem reflexões próprias sobre o tema.

5. PROCEDIMENTO

A aula será expositiva e dialogada, conduzida pelo residente. Inicialmente, será feita uma contextualização sobre o racismo estrutural, destacando suas origens históricas e seus impactos atuais na sociedade brasileira. Em seguida, o residente realizará perguntas aos alunos para verificar os conhecimentos prévios e estimular a participação ativa, criando um ambiente de troca e escuta. Ao longo da aula, será promovida uma discussão crítica, com base em exemplos do cotidiano e vídeos curtos que ilustrem situações de racismo estrutural. A partir desse momento de

reflexão coletiva, será proposta uma atividade de produção escrita, na qual os alunos deverão elaborar um texto opinativo de no mínimo dez linhas, expressando seu ponto de vista sobre o tema discutido. Essa produção será utilizada como instrumento para avaliar a compreensão do conteúdo e desenvolver a escrita crítica dos estudantes.

6. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BATISTA, Waleska Miguel. A inferiorização dos negros a partir do racismo estrutural. **Revista Direito e Práxis**, v. 9, n. 4, p. 2581–2589, out. 2018.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 10 de Dezembro de 2024.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Educação das Relações Étnico-Raciais nas instituições escolares. **Educar em Revista**, v. 34, n. 69, p. 123–150, maio 2018.

APÊNDICE C – SLIDES UTILIZADO NA REGÊNCIA**RACISMO ESTRUTURAL**

**. Geografia
9º ano**

Regente: Carlos Delmiro

Uberlândia, Março de 2024

INTRODUÇÃO

- O que é Racismo Estrutural?
- Como o Racismo Estrutural é representado na prática?

CONCEITUANDO O RACISMO ESTRUTURAL



RACISMO ESTRUTURAL NA PRÁTICA

Teste social

Ele chamou os funcionários
e perguntou oq cada um na
foto representava



Racismo estrutural

CONTEXTO HISTÓRICO

- Como se perpetuou historicamente o Racismo Estrutural ao longo dos tempos?
- Quais foram os fatos históricos e quais questões socioeconômicas levaram as pessoas se tornarem racistas e preservar tais sentimentos até os dias atuais?

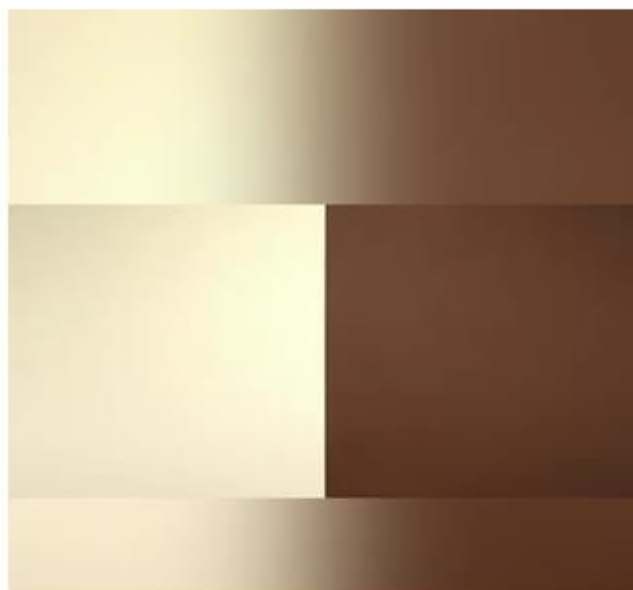
VÍDEO SOBRE O CONTEXTO HISTÓRICO E SOCIAL



EXEMPLOS DE COMO O RACISMO ESTRUTURAL SE MANIFESTA:

- Atualmente são vistos diversos relatos na internet e nos telejornais, casos de racismo estrutural cometido diariamente por policiais, por educadores, por pessoas comuns nas ruas, como por exemplo: o caso de um rapaz negro que sofreu um atentado, um homem começou a discutir com ele em um ponto comercial, sacou uma faca e o esfaqueou. Alguém viu a cena e chamou a polícia.
- Adivinha o que a polícia fez quando chegou para averiguar a denúncia?

VÍDEO SOBRE DESIGUALDADE RACIAL



O QUE TEM SIDO FEITO PARA MODIFICAR ESSAS ESTRUTURAS RACISTAS?

- Políticas públicas de igualdade e ações afirmativas: Ações afirmativas são políticas sociais de combate ao racismo a partir da promoção da participação de minorias no acesso à educação e à saúde, na entrada no mercado de trabalho e no processo político, entre outras áreas.
- Como por exemplo as cotas raciais para ingresso em concursos público e universidades federais. Além de Leis anti-racismo e Organizações Sociais que lutam por igualdade de raça.

CONCLUSÃO

- Como afirmou a filósofa e escritora Djamilia Ribeiro, “a gente já nasce numa sociedade que tem uma hierarquia de humanidade em que, se você é negro, vai ser tratado de um jeito, se é branco, vai ser tratado de outro. A sociedade já estabelece essas construções para nós e vamos assimilando isso, internalizando e aceitando como verdade. **Ninguém nasce odiando ninguém, a gente aprende a odiar.**”